Relatório sobre o 1º Workshop NOAH

Experiência participativa com desabrigados pelas chuvas

Responsáveis

Profª Drª Lara Leite Barbosa
Bolsista de Iniciação Científica FUPAM Carla Yumi Takushi
Aluna da FAU-USP Cintia Sayuri Sawada

Instituição

Universidade de São Paulo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Departamento de Projeto

São Paulo, 27 de dezembro de 2011.

Sumário

1. Introdução

2. Concepção
O por que dos participantes e o para que dos organizadores

3. Estrutura do workshop
3.1 Objetivos

4. Equipes de participantes

5. Workshop: Palestra da profª Lara Leite Barbosa

6. Workshop: Atividades
Ação 1 (observar)
6.1 Sessão 1. Infográfico da anormalidade à normalidade
6.2 Sessão 2. Desenhe a planta: como era a rotina no abrigo?

Ação 2 (perguntar)
6.3 Sessão 3. Entrevistas. Por territórios mais seguros.
6.4 Sessão 4. Gravação de vídeo. O que pode ser feito para melhorar o uso de futuros abrigos?

Ação 3 (aprender)
6.5 Comentários gerais e análise.

7. Considerações finais

1. Introdução

O Núcleo Habitat sem Fronteiras, grupo de pesquisa da FAU-USP, coordenado pela profª drª Lara Leite Barbosa, está realizando uma pesquisa intitulada *Design Emergencial: Projeto de Mobiliário e Equipamentos para Abrigos Temporários com Grupos Afetados por Desastres Relacionados às Chuvas,* com estudo de caso em Eldorado-S.P. Nesta etapa de **Aplicação da metodologia de design centrado no homem** colaboraram as alunas Carla Yumi Takushi e Cintia Sayuri Sawada, através da preparação do evento e da constituição sistematizada de banco de dados de imagens, dados de entrevistas e de questionários, orientadas pela profª drª Lara Leite Barbosa, responsável pela organização e concepção geral do workshop.

A aplicação da metodologia de design centrado no homem com estratégias para compreender o usuário visa coletar informações junto aos grupos sociais vulneráveis aos impactos de eventos associados às chuvas. Consideramos ainda a inclusão de dados fornecidos por funcionários da prefeitura, Defesa Civil e pesquisadores que atuam no local. Para tal coleta foi organizado um workshop que ocorreu no dia 9 de dezembro de 2011, tendo início a partir das 10:00 e final por volta de 17:00h na Aldeia Cultural do município de Eldorado. Na cidade de Eldorado o Workshop contou com o auxílio do coordenador da Defesa Civil Municipal Edson Ney Barbosa para a divulgação do evento e com a assistência de Wagner Isaguirre do Amaral, arquiteto e consultor do projeto FEHIDRO, e Marcelo da Silva, professor de geociências e ed. ambiental e colaborador do projeto FEHIDRO, além da equipe já citada do grupo NOAH.

2. Concepção do Workshop

O por que dos participantes e o para que dos organizadores

2.1. Por que os participantes são motivados a contribuir?

Nesta primeira etapa, buscou-se motivações para estimular a participação da comunidade local, vital para a troca de informações no workshop.

Itens levantados:

1. **Perspectiva de soluções**
   Indivíduo participa do evento pois acredita que a sua própria doação irá contribuir para o surgimento de uma solução para o problema
2. **Medo da repetição do desastre**
   Indivíduo participa pois já sofreu com o problema e teme pelo futuro
3. **Ganho ou vantagem indo ao evento: material ou educativo**
   Indivíduo participa pois possui interesse em cima de sua participação. Levar consigo um aprendizado para lidar melhor com a situação antes, durante ou depois do desastre eminente; ou motivado pela perspectiva de algum ganho material (previamente divulgado).
4. **Oportunidade de exprimir uma idéia já concebida**
   Indivíduo participa do evento pois possui uma idéia que julga ser útil à solução ou auxílio frente ao problema, e encontra no workshop um público que poderá levar esta adiante
5. **Facilidade/Proximidade - "Por quê não?"**
   Indivíduo não vê motivo para recusa do convite para participação
6. **Identificação com o problema - Mesmo sem nunca ter vivenciado o desastre, o tema é algo próximo da pessoa**
   Apesar de nunca ter sido afetado pela enchente, o indivíduo se sensibiliza pelo tema (às vezes, possui familiares ou amigos próximos que já sofreram com a situação) e deseja auxiliar de alguma forma
7. **Destaque na comunidade**
   Indivíduo almeja, com a sua participação no projeto, uma maior visibilidade e reconhecimento na comunidade local
8. **Vantagem política - visibilidade das ações da prefeitura**
   Indivíduo com participação na política ou na administração pública que deseja projetar uma boa imagem própria (autopromoção) ou da prefeitura (promoção da prefeitura frente a cidades vizinhas num caráter regional, ou então como respostas a cobranças superiores)
9. **Minimização do trauma - para aqueles que já vivenciaram a experiência do desastre**
   Oportunidade de dividir a experiência traumática com outros que já tenham passado pelo mesmo, ou até oportunidade de desabafo e compreensão/amadurecimento da experiência
10. **Curiosidade despertada nos convidados**
    Indivíduo busca participar motivado pela curiosidade criada sobre o evento. Algo novo no universo da pessoa.
11. **Caráter universal do desastre e do evento - idosos, crianças, variadas classes sociais**
    Não excluir nenhum potencial participante, inclusive, saber valorizar a diversidade existente

2.2 Para que os organizadores organizam o workshop?

Em seguida, buscou-se esclarecer as metas que se pretendem atingir com o evento. Tal informação é relevante para uso na condução dos debates e nascimento de idéias e também para a fase de processamento do material produzido.

1. **Prevenção e atendimento - evitar acontecer, se antever aos próximos desastres ou períodos de cheia**
   Ouvir as principais queixas dos moradores, para lançar medidas que melhorem de fato ações preventivas e paliativas para as enchentes
2. **Reforçar o aspecto psicológico de auto-estima**
   Encontrar novas motivações para pessoas que lidam cotidianamente com este tipo de situação, tão extremo e delicado para os afetados
3. **Estimular iniciativas próprias - aumentar o caráter participativo**
   Fazer com que os próprios moradores de envolvam com o tema.
4. **Estimular a participação na própria experiência do desastre**
   Estimular idéias que surjam deles próprios, ou mesmo ensiná-los a lidar numa situação extrema como a das enchentes, para que eles próprios possam dar um primeiro socorro à comunidade.
5. **Entender as atividades cotidianas na situação de desastre**
   Observar como ocorrem as atividades do dia-a-dia numa situação de poucos recursos e onde as pessoas estão fora do ambiente a que estão acostumadas. Observar para então melhorar.
6. **Ampliar a consciência de cidadania/coletividade**
   Conquistar a confiança dos moradores de Eldorado. Atentá-los para a importância da sua participação no evento e nas ações futuras que se seguirão. Despertar um sentimento de cooperação e coletivismo, tão necessários numa situação de desastre.
7. **Criar base de pesquisa para casos semelhantes - ponto de partida para outras pesquisas**
   Catalogar e registrar todo o material levantado ou processado, para que sirva de base de pesquisa para gerações futuras deste próprio grupo de pesquisa, assim como para auxiliar outros pesquisadores com interesse no tema. *Crowdsourcing*.
8. **Conscientização da amplitude do evento e da importância das idéias e empenho dos próprios atingidos durante o desastre**
   Conscientização do tamanho do problema (suas origens, suas perspectivas futuras) e da necessidade de colaboração entre os moradores e as entidades públicas (prefeitura, defesa civil etc.)
9. **Aumentar o significado de ações pontuais**
   Conscientização da importância das ações que os próprios moradores possam fazer para reduzir os riscos à população (mudança de hábitos, atenção para atividades de risco, etc.)
10. **Estudar um caso específico que valha para outros locais (ampliação)**
    Pesquisa e análise de casos semelhantes que possam ser aplicados a Eldorado.

3. Estrutura do workshop

O workshop foi realizado no Município de Eldorado em 9 de dezembro de 2011, segundo esta estrutura previamente determinada, a qual sofreu algumas alterações no dia:

Horário	**Atividade**
9.30-10.00	Recepção e preenchimento de ficha de inscrição. Colocação de crachá por equipes. Introdução do workshop; Participantes se apresentam.
10.00-10.45	**Palestra- profa. Lara Leite Barbosa**
10.45-11.00	*Coffee break*
11.00-11.15	Explicação da dinâmica de trabalho da manhã.
11.15am-12.00	Ação 1 (observar) **sessão 1: Infográfico da anormalidade à normalidade.** Montagem da sequência dos acontecimentos no dia da inundação.
12.00-12.45pm	**sessão 2: Desenhe a planta. Como era a rotina no abrigo?**
12.45-1.45pm	*Almoço*
1.45-2.00pm	Explicação da dinâmica de trabalho da tarde.
2.00-3.00pm	Ação 2 (perguntar) **sessão 3: Entrevistas. Por territórios mais seguros.**
3.00-3.30pm	**sessão 4: Gravação de vídeo. O que pode ser feito para melhorar o uso de futuros abrigos?**
3.30-3.45pm	*Coffee break*
3.45-4.45pm	Ação 3 (aprender) **Comentários gerais e análise.**
4.45-5.45pm	'o que vem depois?'… entrega de brindes. Encerramento

3.1 Objetivos

O primeiro objetivo é diagnosticar as necessidades de abrigo de emergência e os pedidos específicos em situações de desastre relacionado às chuvas.

O segundo objetivo é desenvolver estudos sobre as interações sociais de uma comunidade temporária, que visa compreender as pessoas, seus comportamentos, percepções e necessidades para fornecer subsídios para os requisitos do projeto.

Finalmente, o terceiro objetivo é propor e experimentar o processo de design centrado no homem através da participação colaborativa das pessoas, a fim de obter dados confiáveis para a criação de mobiliário e equipamentos para situações de emergência.

Observações

Todos os participantes receberam no final um brinde (*ecobag* de algodão com logotipo do grupo NOAH).

Os materiais e *Coffee breaks* foram oferecidos pelo grupo NOAH.

A concessão do espaço para a realização do evento (Aldeia Cultural) foi oferecida pela prefeitura de Eldorado.

4. Equipes de participantes

O workshop seguiu a estrutura genérica (abaixo) combinando palestra, a aplicação de ferramentas com o conceito de co-design e trabalho em grupo. As oficinas aconteceram com uma média de 16 participantes. Formamos duas equipes mistas para a realização da interação com os participantes:

Representantes	Equipe 1	Equipe 2
Pesquisadores FAU- USP	profa. Lara Leite Barbosa	aluna Carla Yumi Takushi e aluna Cintia Sayuri Sawada
Pesquisadores SIGRB	Marcelo da Silva	Wagner Isaguirre do Amaral
Defesa civil (COMDEC e CEDEC)	(COMDEC)	Emilio Ornelas Martins. Divisão de Gerenciamento. CEDEC
(DAEE)		Renato Proença Rebouças Gonçalves. DAEE Ana Maria Leite. Gabinete
Prefeitura de Eldorado: Departamento de Educação e Turismo		Janilda de S. Oliveira. Turismo.
Departamento de Tributos e Contabilidade		Gelliard E. Miranda. Depto. de Contabilidade Patricia M. Ramos. Depto. de Tributos
Técnicos CRAS ou Fundo Social	Apoliana E. P. Fortes, CRAS	Charton V. Gomes. Fundo Social de Solidariedade
Moradores que ficaram em abrigos temporários -mesmo em enchentes passadas: no centro comunitário		
pessoas que ficaram abrigadas na Escola Jayme Almeida Paiva, Escola Lilian ou Escola Viana.		
pessoa que ficou abrigada no salão paroquial Galvão	Leonardo Pinto da Cunha Neto, comerciante	
pessoa que ficou abrigada em posto de gasolina	Pedro Luiz Lara Ribeiro, autônomo	
pessoa que ficou abrigada no próprio carro ou outros lugares	Ricardo Chimichaque de Siqueira, lavrador	Reinaldo de Melo, professor e diretor de escola aposentado
Moradores que conhecem pessoas que ficaram em abrigos temporários	Cleide Donizeti de Oliveira, professora Jucilene Martins, servidora braçal	
Morador de grupo não direcionado (unfocus).	Minelídia Teixeira de Oliveira, professora aposentada	1 idoso

5. Workshop: Palestra - profª Lara Leite Barbosa

A palestra constitui-se de duas partes. Na primeira parte foram apresentados o que é e quem colabora com o projeto principal; para quê, porque e como seria a experiência participativa com desabrigados pelas chuvas no evento do Workshop NOAH. Na segunda parte a professora mostrou alguns projetos catalogados que podem ser apresentados como ideias à comunidade, com exemplos no Japão, na França, na FAU.

Dentre as problemáticas e soluções comentadas que podem ser adotadas como medidas paliativas em curto prazo, podemos citar: adaptações da arquitetura das casas para resistir às enchentes menores; determinação de locais para armazenamento das doações para posterior distribuição (foram recebidas cerca de 600 cestas básicas, 600 colchões, kits de limpeza e cobertores na enchente de agosto de 2011); a sinalização à população das cotas para se prever a abrangência da enchente, após o cálculo de quem será atingido para realizar a evacuação; dispersão por mais pontos na cidade para tornar a informação mais acessível a todos; acionamento de uma sirene quando certa altura for excedida; determinação de locais para utilização como abrigos temporários, onde se possa adaptar ao uso de mobiliário e instalações hidráulicas e o mapeamento dos desabrigados, a fim de determinar quais áreas são atingidas quando chove, quais as casas situadas em quais cotas e quais famílias que irão para quais abrigos.

6. Workshop: Ação 1 (observar)

Ação 1: Observar as pessoas e descobrir o que elas fazem.

Tema: Estilo de vida do grupo familiar e da comunidade na qual vivem.

Visa estudar as interações sociais de uma comunidade temporária, buscando entender as pessoas, seus comportamentos, percepções e necessidades para gerar requisitos de projeto. Destaque para as características dos abrigos: entender as atividades cotidianas na situação de desastre.

O objetivo é simular representações que ajudem a criar empatia com as pessoas e que contribuam ao levantamento fotográfico das condições de vida e hábitos no abrigo.

6.1 Sessão 1: **Infográfico da anormalidade à normalidade**

Procedimento: Indique a seqüência dos acontecimentos no dia da inundação (experiência de agosto de 2011). Terá cartas numeradas segundo os dias para organizar os fatos e cartas brancas para completar itens inexistentes; cartas desenvolvidas por nós que mostre inúmeras possibilidades de ações; recortes e imagens diversas que serão coladas em um grande rolo de papel branco por equipe. **Tempo para a atividade:** 45min.

Infográfico: Sequência dos acontecimentos no dia da inundação

Descrição dos participantes sobre os dias relacionados à inundação ocorrida em Agosto no período de uma semana, e documentação dos detalhes em um painel através de infográficos, desenhos e anotações.

Foram organizados dois grupos, um orientado pela professora Lara Leite Barbosa e outro pelas alunas Carla Yumi Takushi e Cintia Sayuri Sawada.

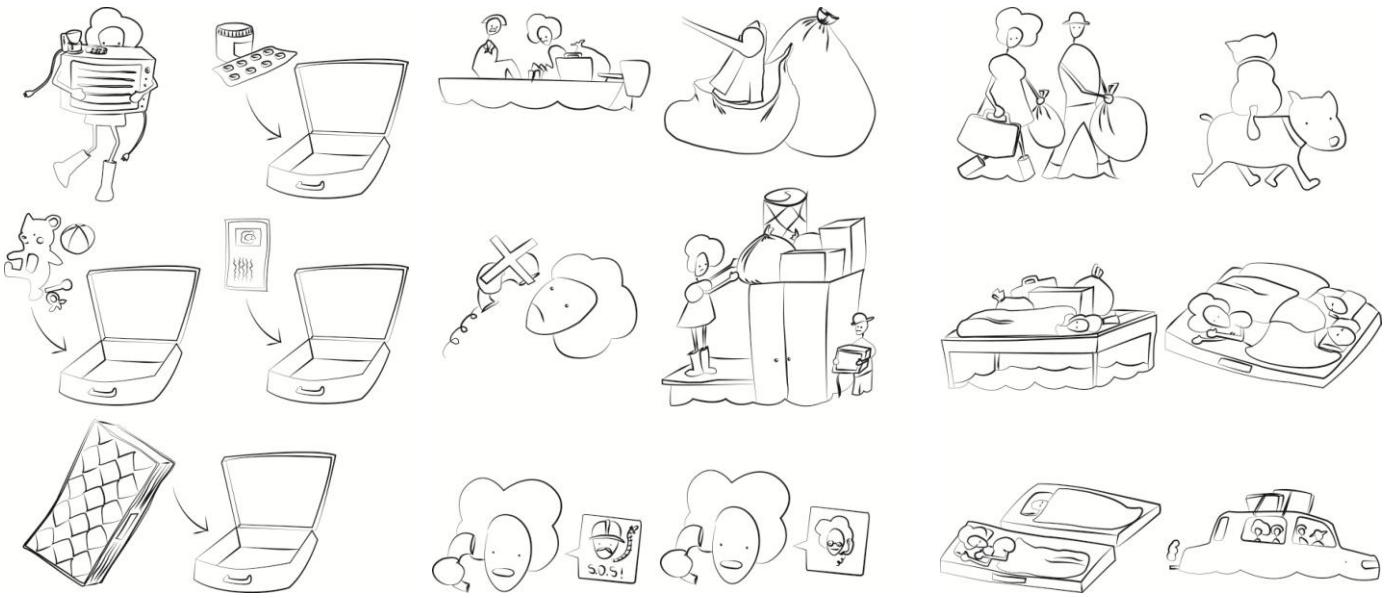
Participantes do Grupo 1, orientadas pela profª orientadora Lara Leite Barbosa:

Minelídia Teixeira de Oliveira, professora aposentada
Leonardo Pinto da Cunha Neto, comerciante
Cleide Donizeti de Oliveira, professora
Jucilene Martins, servidora braçal

Participantes do Grupo 2, orientadas pelas alunas Carla Yumi Takushi e Cintia Sayuri Sawada:

Ana Maria Leite. Gabinete
Charton V. Gomes. Fundo Social de Solidariedade
Emilio Ornelas Martins. Divisão de Gerenciamento. CEDEC
Gelliard E. Miranda. Depto. de Contabilidade
Janilda de S. Oliveira. Turismo.
Patricia M. Ramos. Depto. de Tributos
Renato Proença Rebouças Gonçalves. DAEE

Desenhos do infográfico, realizados por Carla Yumi Takushi, distribuídos aos grupos:



As informações obtidas pelos grupos nesta atividade foram:

Grupo 1

Primeiro dia:

Foi relacionado à segunda-feira, dia 01 de Agosto de 2011, dia em que ocorreram fortes chuvas. De acordo com os moradores, as notícias que receberam nesse dia sobre a possível cheia vinham tanto da comunicação com conhecidos, familiares e órgãos públicos, como também dos anúncios dos carros de som que percorreram a cidade. A noite foi de tristeza, ansiedade e correria e muitos já começaram a se deslocar para lugares que achavam mais seguros.

Anotações relacionadas: "Segunda feira"; "Recebemos notícias que viria cheias do Ribeira.. tristeza, ansiedade e muita correria..."; "Carro de som da prefeitura anunciando"; "Ligações constantes, dúvidas!!"; "Rio, pedido de socorro".

Imagens relacionadas: Ligação para parentes; Ligação para órgão público; Deslocamento por carros

Segundo dia:

Terça-feira, 02 de Agosto de 2011. De acordo com os demais participantes, houve neste dia maior movimentação da população, com retirada de bens para locais seguros, inclusive brinquedos e animais. Muitos caminhões mobilizaram-se para essa atividade. A prefeitura já se organizava para assistir à população, já sensibilizada pela situação. Algumas dificuldades existiram como algumas famílias resistentes à saída dos seus lares e a falta de comunicação e energia. O nível da água continuava a subir.

Anotações relacionadas: "Muita tristeza"; "Retirada de bens"; "Sem comunicação"; "Serviços sociais da prefeitura a todo vapor, caminhões, escolas para abrigos, alimentação, saúde..."

Imagens relacionadas: Brinquedos nas malas; Deslocamento por barco; Pessoas tristes; Isolamento na laje da casa; Pessoas com malas; Roupas em sacolas; Lanterna; Animais; Caminhão; Falha na comunicação; Pessoas dormindo em colchões; Casa com nível da água subindo (com marcações de horários 8h, 9h, 15h, 18h, 23h).

Terceiro dia:

Quarta-feira, 03 de Agosto de 2011. Nesse dia muitos já estavam alojados na casa de conhecidos e parentes, ou abrigados em abrigos improvisados. Foi dito que o banho, durantes alguns dias, era também improvisado, já que a falta do sistema de distribuição de água levou ao uso de carros pipa. A alimentação nos abrigos era organizada por

merendeiras; as compras foram dificultadas pelo desabastecimento dos mercados. Algumas pessoas dificultavam o processo da doação de bens, ao desejarem pegar para si mais do que realmente necessitavam.

Anotações relacionadas: "Banhar-se: Durante alguns dias o banho era com utilização de caneca com água pega do carro pipa que passava nos bairros. Muitos não tem caixa dágua"; "Preparar ou consumir alimentos: Merendeiras fazendo a alimentação para desabrigados, desde o primeiro dia"; "Mercados (Depósitos) atingidos, desabastecidos"; "Oportunistas: Mentiras para receber mais doações (colchões, roupa, calçado, mat. limpeza, cobertor)"

Imagens relacionadas: Cuidados pessoais; Doações de roupas; Desabastecimento; Roupas estendidas.

Quarto dia:

Quinta-feira, 04 de Agosto de 2011. O nível da água já começava a baixar e as pessoas voltavam para suas casas para inspecionar tudo que foi deixado, desde roupas e móveis até veículos. Não havia, porém, possibilidade de volta para casa nesse dia. De acordo com eles, havia cheiro forte e muita lama, sendo insuficiente a ação dos caminhões pipa. Os móveis e eletrodomésticos que muitos puderam salvar para o abrigo eram usados até esse dia.

Anotações relacionadas: "Água já abaixou"; "2o ao 4o dia: uso dos pertences no abrigo"; "4o, 5o, 6o dias: Apenas limpeza; "Não dava p/ voltar p/ casa (cheiro). Mat. limpeza"; "1m lama"; "Caminhão pipa insuficiente"; "Fica no abrigo"; "Avaliar as perdas, o que pode recuperar (eletrodomésticos, lava roupa, colchão, alimentos, sofá (móveis), documentos, carros, motos, mat. construção, lojistas (produtos), mat. escolar, equipamentos)"

Imagens relacionadas: Bens de família; Eletrodomésticos sendo levados; Conserto de móveis.

Quinto ao sétimo dia:

Sexta-feira, 05 de Agosto de 2011, a Domingo, 07 de Agosto de 2011. As operações nos abrigos e de assistência pela cidade continuavam. As pessoas começaram a voltar para casa, procurando retornar à normalidade.

Anotações relacionadas: "Começou a voltar p/ casa"

Grupo 2

Abaixo, o painel elaborado pelos participantes e as interpretações feitas a partir de sua análise

Primeiro dia:

Segunda-feira, dia 01 de Agosto de 2011. Foi nomeado como a data de Alerta. Às 17h tinha-se a notícia de que o município vizinho de Iporanga já estava sofrendo com as cheias do rio. O carro de som havia dado a informação errada da altura da água em Eldorado: eram 13 metros em vez de 11 metros. Muitos já começaram a juntar suas coisas e procurar lugares mais seguros para passar a noite. Entre os itens levados, estavam itens de higiene pessoal, roupas, alimentos e móveis. Outros, com medo de perder os bens ou por não encontrar ajuda, preferiram passar a noite em suas residências.

Anotações relacionadas: “Alerta”; “17h Rua Beira Rio: tirar as coisas. Iporanga avisa” “(carro de som) ~~11m~~ foi 13m”; “Falta de local para levar os bens”; “se abrigar”; “Guardar coisas”; “S/ local para abrigo”; “Levar móveis para casa de vizinhos e parentes”; “Carro a disposição p/ comunidade, falta de veículos”; “Preparação”; “Indecisão: onde ir- casa amigos/ -abrigos”;

Imagens relacionadas: Dormindo em casa; Preparo de malas.

Segundo dia:

Terça-feira, dia 02 de Agosto de 2011. Foi nomeado como a data de Cheia. A comunicação por linhas telefônicas falhava, assim como a energia e o abastecimento de água potável e a cidade precisava de reforços. Uma sugestão feita com relação à comunicação seria o uso de rádio amador. Na área rural o deslocamento era possível somente por barcos. As pessoas que resistiam em sair para locais mais seguros ficavam isoladas e muitos tiveram que ficar na laje.

Anotações relacionadas: “Mobilização do 1º abrigo”; “Enchente”; “Notícias na rádio – Info do DAEE/ -Paraná- sem comunicação”; “Nível d’água elevado- necessidade de barcos”; “Área rural”; “Maior parte s/ acesso”; “medo de perder”; “Caiu energia”; “S/ comunicação- celular/ -telefone/ -sugestão: rádio amador”; “S/ água potável – encanada/ -para comprar/ -ausência de recipientes limpos”; “Perda da balsa p/ comun. Quilombolas”

Imagens relacionadas: Deslocamento por barco; Roupas em sacolas; Falha na colmunicação; Isolamento na laje da casa.

Terceiro dia:

Quarta-feira, dia 03 de Agosto de 2011. Foi nomeado como data do Auge. As atividades neste dia já estavam organizadas, com resgate por bombeiros e assistência do Estado. A energia volta aos poucos e há maior movimento pelas doações e pela ajuda nos abrigos, porém o deslocamento é mais difícil por conta do alto nível dágua, e o desabastecimento dos mercados eleva o preço de mercadorias necessárias como produtos de limpeza, velas e botas. Foi dito que o preço das botas chegou a subir de R$18 para R$50. Além disso, parte das doações foi dita como "lixo", pois, de acordo com os participantes, muitas roupas estavam em mal estado.

Anotações relacionadas: "Auge"; "Montagem Distrib. de alimentos emerg. –p/ centros com. (igreja, abrigos)/ -helicópteros, barcos (recursos do estado)"; "Doações: + lixo"; "S/ acesso: desabastecimento –prod. Limpeza/ -aumento preço/ -velas/ -botas $18 para $50"; "Volta energ."; "Término resgate pelos bombeiros"; "Falta de informação! Iporanga"

Imagens relacionadas: Sem deslocamento por carros.

Quarto ao sétimo dia:

Quinta-feira, dia 04 de Agosto de 2011, a Domingo, 07 de Agosto de 2011. A partir dessa data o nível d'água baixava, e os moradores voltavam aos poucos para verificar a situação das suas residências. Com o retorno de alguns, os abrigos começaram a se esvaziar. Houve grandes doações da prefeitura, da Defesa Civil do Estado, e também de iniciativas privadas, visto que ainda era grande a carência por água potável, energia, equipamentos VAP para retirada de lama das paredes e chão e veículos de resgate.

Anotações relacionadas: "-desfazer abrigos"; "Centro de doações: voluntários"; "Água baixando/ limpeza. 200 kits Defesa Civil do Estado para 10.000 afetados."; "Ñ tinha para vender (aparelho VAP ñ tinha mais)"; "Ricardo: 10 VAPs/ 12 homens. Só onde tinha água e luz."; "Falta de energia"; "Etapa Socorro".

6.2 Sessão 2. **Desenhe a planta: como era a rotina no abrigo?**

Procedimento: Através de peças fornecidas por nós, distribuir todas as categorias de cartas em espaços que simulem o abrigo (edifício e cômodos) e preencha com emoções, descrições de materiais, lembranças (1-deitar-se ou dormir; 1- sentar-se; 2-trabalhar; 2- estudar; 3- festejar (aniversário, outro, etc.); 3- reunir amigos; 4- ler, 4- tocar instrumentos; 4- ouvir música, 4- assistir à TV, 4- brincar ou jogar; 5- exercitar-se, 5-preparar e/ ou consumir alimentos 5- cozinhar; 6- estocar ou dependurar recursos e pertences; 7- lavar as mãos; 7- escovar os dentes; 7-

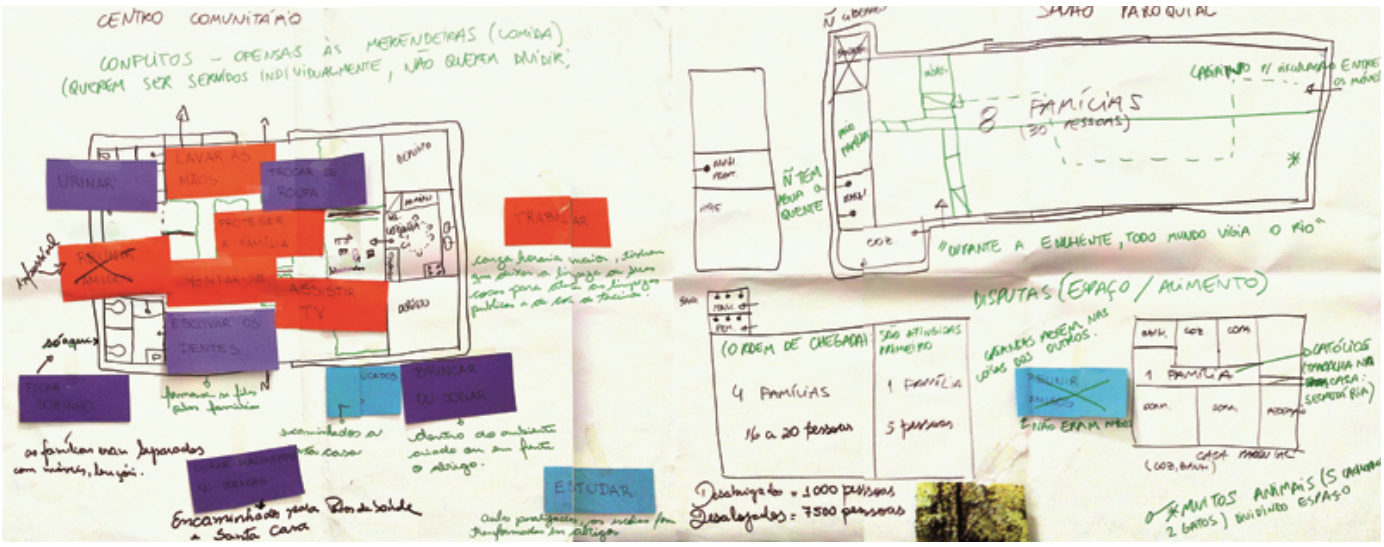
banhar-se; 7- defecar, urinar; 7- lavar as roupas; 7- secar e passar roupas; 8- trocar de roupas; 8- curar machucados ou doenças; 8- proteger a família; 8- ficar sozinho). **Tempo para a atividade:** 45min.

Descrição e Rotina no Abrigo

Depoimento dos participantes sobre como era a rotina nos dias em que ficaram desabrigados. Reconstrução de como ficavam dos espaços dos abrigos.

Grupo 1

Segue abaixo o painel elaborado pelos participantes e as interpretações feitas a partir da sua análise:



Descrição do Salão Paroquial, da APAE, do Centro Comunitário e da Casa Paroquial como abrigos. Foram desenhados esquemas de plantas para incentivar a memória dos participantes e facilitar as descrições. Uma citação sobre a situação de alerta: "Durante a enchente, todo mundo vigia o rio". Havia disputa por espaço e alimento, e tinham que lidar com a falta de privacidade, pois apenas móveis separavam as famílias. As crianças, sem percepção desses limites, chegavam a mexer nas coisas dos outros. Foi dito que havia na cidade por volta de 1000 desabrigados e 7500 desalojados.

Foi desenhada a planta do Salão, com a disposição dos cômodos e indicação de quantidade de famílias no recinto. A divisão dos espaços das famílias era feita por móveis e objetos pessoais. A circulação era difícil, pois a disposição era aleatória, formando um labirinto para quem passava. Havia oito famílias ali, de acordo com os participantes, correspondendo por volta de trinta pessoas. Não havia água quente no único sanitário disponível. O outro sanitário não estava liberado para uso.

No croqui da APAE, o banheiro foi adaptado para comportar os desabrigados.

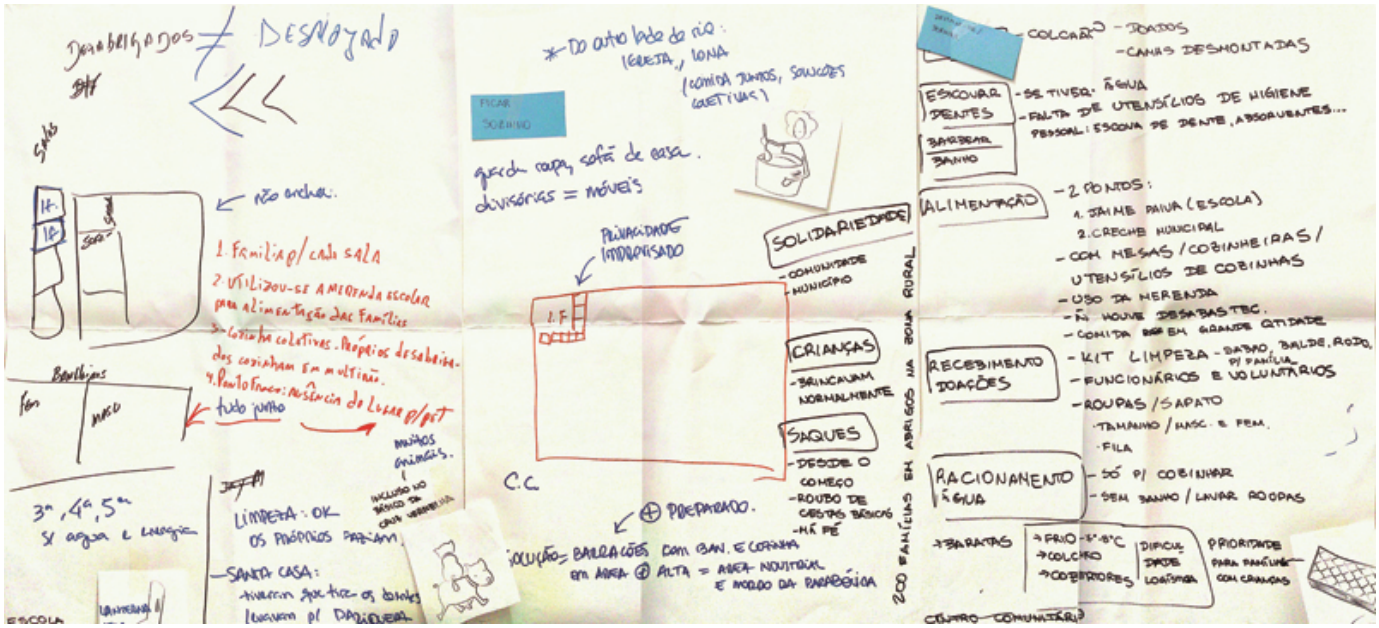
Na Casa Paroquial, ficou abrigada uma família católica, e trabalhou uma secretária.

No Centro Comunitário, foi dito que havia cinco famílias. Aos diferentes espaços do local na planta desenhada, foram associados cartões com escritos de ações, para estimular a memória da rotina pelos desabrigados.

No banheiro, foram associadas ações como "urinar", "lavar as mãos", "escovar os dentes" e "ficar sozinho" no banheiro; nas áreas central e externa, "proteger a família", "sentar-se", "assistir tv", "brincar ou jogar", reunir amigos. Além dessas, outras ações- "trabalhar", "brincar", "estudar" e "curar machucados ou doenças"- foram colocadas à parte, e sobre elas foram feitos alguns comentários. Na ação "trabalhar", foi dito que a carga horária dos que se dispunham a ajudar era maior do que a normal, e elas tinham que abrir mão da limpeza das suas casas para atender à limpeza pública ou de casas de terceiros. Sobre "brincar e jogar", foi dito que acontecia dentro do abrigo ou em frente a ele. Sobre "estudar", as aulas foram paralisadas, e as escolas transformadas em abrigos. Na ação de "escovar os dentes", foi dito que se formavam filas. A ação "reunir amigos" foi riscada, e sobre ela foi escrito "impossível". Sobre "curar machucados ou doenças", foi dito que os feridos e doentes eram encaminhados para postos de saúde e para a Santa Casa.

Grupo 2

Segue abaixo o painel elaborado pelos participantes e as interpretações feitas a partir da sua análise:



Foram tomadas algumas considerações gerais. Havia mais desalojados do que desabrigados, ou seja, a maioria das pessoas conseguiam contato com conhecidos e familiares, e não precisaram ficar nos abrigos. Além disso, foi dito que na terça, quarta e quinta não havia água nem energia na cidade, sendo necessário o uso de velas e lanternas durante a noite, e os cuidados pessoais procuravam economizar o máximo possível de água potável disponível (a água era usada quase exclusivamente para o preparo de alimentos; foi orientado que se reduzisse a quantidade de banhos, e não se lavava roupas). Além disso, as pessoas sentiram falta de utensílios de higiene pessoal, como escovas de dentes e absorventes íntimos, mas havia algumas doações do tipo. Colchões, cobertores e camas desmontadas também eram doados e fornecidos pela Defesa Civil para as passarem a noite nos abrigos improvisados, dando-se prioridade para famílias com idosos e crianças. A parte de alimentação nos abrigos não

encontrou problemas. Dois pontos estavam melhor preparados: a escola Jaime Paiva e a Creche Municipal tinham mesas e cadeiras, cozinheiras e utensílios de cozinha, havia merendas e não houve desabastecimento nesse quesito.

Na escola Jaime Paiva, as famílias puderam alojar-se individualmente em cada sala de aula. Além da distribuição da merenda escolar, cozinhas estavam disponíveis para os desabrigados para o preparo coletivo de alimentos. Também ficou a cargo dos moradores desabrigados a limpeza do local, e não tiveram problemas quanto a isso. Um ponto fraco foi a ausência de local para os animais, e os banheiros eram coletivos.

Para o Centro Comunitário, foi dito que houve a separação das famílias por móveis trazidos pelos moradores. Uma observação negativa sobre o abrigo foi com relação a saques, com o roubo de cestas básicas e ações de "má fé". Houve uma sugestão para a melhora das condições dos desabrigados, que seriam barracões equipados com banheiros e cozinhas em áreas mais altas como a área industrial do município e o morro da parabólica.

6.3 Sessão 3. **Entrevistas. Por territórios mais seguros.**

Ação 2: perguntar. Listar a participação das pessoas para obter informação relevante para o projeto.

O objetivo é diagnosticar as necessidades de abrigos de emergência e pedidos específicos para situações de enchentes.

Procedimento: Perguntas e questionários respondidos coletivamente. Aplicar entrevistas com roteiro de questões sobre suas aspirações por territórios mais seguros. **Tempo para a atividade:** 60 min.

Entrevistas: por territórios mais seguros.

Foram elaborados dois tipos de questionários, pois dois grupos distintos foram identificados entre os participantes: pessoas que trabalharam por órgãos públicos, que poderiam dar informações sobre os procedimentos adotados pela prefeitura, DAEE, assistência social, entre outros, e moradores afetados, que poderiam dar depoimentos das suas experiências para dar lugar à reflexão sobre o atendimento recebido em casa ou no abrigo, bem como suas dificuldades na ocorrência da enchente. A entrevista também se divide em duas partes, uma para as pessoas que trabalharam por órgãos públicos e outra, com perguntas com o mesmo tema, porém diferentes, para os moradores que ficaram desabrigados

Entrevista Grupo 1
Primeira rodada de entrevistas

Realização: Profª Drª Lara Leite Barbosa
Transcrição efetuada pela aluna Cintia Sayuri Sawada

Apoliana Elizabeth Pereira Fortes, coordenadora CRAS e psicóloga
Elisi de Oliveira Melo, funcionária pública
Cristiane Marcela de Souza, doméstica
Renato Proença Rebouças Gonçalves, DAEE

Transcrição da entrevista com os membros públicos do grupo 1, primeira rodada:

***Lara**: o plano preventivo com relação às próximas enchentes...*

***Apoliana**: olha, depois que teve a enchente, né... foi feito toda uma visita a todas as casas que foram atingidas, as casas que foram afetadas de uma maneira assim que... que teve abalo, né... e pra essas pessoas foi feito um levantamento, um estudo em voz da razão social, né... ( ) em gestão da CDHU, de casas populares... ahm, o outro tipo de moradia de uma certa forma não houve nenhum projeto preventivo possível... então a questão de moradia que tem a razão social que já existia voltada para famílias carentes e tudo mais, e agora além disso são as famílias carentes que... a casa está em estado de risco, ela pode cair, ou então a casa ela mexeu... é só questão de uma reforma, então ela pode reformar esta casa... esse é o trabalho que a (Light) está fazendo pra essas pessoas que foram afetadas pela enchente...*

***Lara**: se vocês tiverem uma ou outra informação ((apontando para as outras entrevistadas))... é uma pergunta (direcionada) mas que quem tiver uma resposta pode responder, não tem problema... eh::: isso aqui é importante pra gente... sobre quem são os líderes, dos órgãos atuantes no abrigo... quem são essas pessoas, né... os nomes... se tem, e como eles agem nas emergências...*

***Apoliana**: hoje não tem líder, na verdade existe um plano ainda... que está se estruturando na verdade... ele existe no papel, mas isso tudo ainda, o plano ainda não está pronto... então o que acontece, na enchente que aconteceu, cada um eh::: cada pico teve uma pessoa que se destacou e se posicionou e a área social viu, e os assistentes sociais, os psicólogos iam até lá e traziam um apoio... daí as pessoas que trabalham num departamento social também ia lá apoiar, dar uma orientação... mas hoje, ter um representante de cada pico não (existe)... a idéia de se montar existe, mas ainda não está pronto...*

***Lara**: mas mesmo... só um minutinho ((levanta-se da cadeira e fala com a Carla))*

***Lara**: ((volta para perto das entrevistadas)) (...) mesmo pra organização desse workshop, a gente precisava conhecer se tem líderes comunitários... quem são essas pessoas que se destacam...*

***Apoliana**: tem::: nos quilombos, né?*

***Elisi**: cada bairro tem uma liderança... sempre tem... e a gente procura essas pessoas, né? são aquelas que têm o maior lote da área, sabe qual o local que pode ir, né? e que tem mais contato com o poder público... pra pedir socorro, pra pedir informações, dar informações... é o líder do bairro...*

***Lara**: mas tem assim... você de cabeça agora sabe me dizer qual o nome dessas pessoas... ou indicar alguém...*

***Elisi**: olha, encontre um funcionário da prefeitura que trabalhe nas zonas rurais... eh::: tem o representante de São Pedro, o Saun, né? ((olha pra Apoliana))*

***Apoliana**: o Paulão é de qual? ((olhando para Elisi))*

***Elisi**: o Paulão é do (Ivacudium), ele pode ser do Daniel Lopes também... ele é dos quilombos, né? ele trabalha na prefeitura, é esse que é o responsável... que nos ajudou, né? ele é quilombola, então com o bairro Quinquara, Galcoma, Capitu, São Pedro, (Catumburuva) e André Lopes, todos eles são quilombolas, então esse rapaz trabalha na prefeitura e nos deu assistência lá, nos deu assistência pra gente...*

***Lara**: qual o nome dele?*

***Elisi**: Paulo...*

***Lara**: Paulo?*

***Elisi**: isso...*

***Lara**: é, mesmo que alguns nomes já ajudam a gente a estruturar, nas próximas atividades... a gente até neste dia... saber quem chamar, como essa é a primeira experiência nossa, a gente tem que entender, conhecer essas pessoas... então é importante já nesse primeiro momento, identificar alguém, que essas pessoas então indicam outras... e enfim a gente começar...*

***Elisi**: esse do Manequinho, né?*

***Apoliana**: eu não conheço os líderes...*

***Elisi**: é o Hélio que é funcionário da prefeitura... e o Manequinho, né? que é do mercado lá... ele é um dos líderes que a gente sempre procura, né? alí em Itapiúna, que foi o bairro mais afetado... depois tem aqui, rio abaixo, tem o João, lá da Ilha Rasa, né? que a gente tem mais contato... é uma liderança também, que sempre nos dá informação e recebe informações... na primeira ilha é um senhor chamado por aqui de "Camarão", ele que socorre, tem barco... então ele sempre... sete/, rio abaixo, ((consulta Apoliana quanto a informação)) eles, como moram num lugar de várzea, então eles pedem informação que nem um todo... mesmo Sete Barras, pra saber o que acontece em Eldorado... quanto que vai dar lá, e quando que vai dar pra socorrer, entendeu? então é mais eles lá... do lado da margem esquerda, aí já é o pessoal da Ilha Rasa, Eneleide... dona Eneleide, supostamente entrou no socorro das pessoas... então tem essas lideranças né que vai (surgindo) e a gente se utiliza, né?*

***Lara**: tá ótimo... e como eles agem nas emergências? como são as atitudes... por exemplo, teve/ chegou num abrigo, como eles/ como líderes, como eles agem? qual é a reação deles?*

***Apoliana**: não vai nos abrigos, né?*

***Elisi**: não... a maioria das pessoas, como eles vão pra casa de parentes, né? tem as famílias grandes... então aquele que pode socorre...*

***Lara**: é que dá pra entender que como líder, ele ajudou a organizar alguma coisa...*

***Elisi**: não, não...*

***Apoliana**: ele ajudou de repente mais numa mudança, no transporte essas coisas, mas em questão de abrigo esses líderes normalmente não vão...*

***Elisi**: é, ou ligar pra cá, pra pedir pra ir alimento, ir água, porque estava faltando....*

***Lara**: então a atitude desse tem a ver com o transporte?*

***Elisi**: é, socorro....*

***Apoliana**: é, ajudaram mais na questão de alimento do que na questão de abrigo... na de abrigo eles não participaram...*

***Cristiane**: a questão de abrigo ficou mais assim... com os funcionários mesmo... os funcionários da prefeitura e alguns voluntários que levavam... levavam algumas coisas assim...*

***Elisi**: igrejas... os pastores, abrigaram pessoas nas igrejas... então, as igrejas também atuaram bastante, sabe? ficaram dentro da sua comunidade, ou da sua/ seus membros e eles procuraram assistir bastante, sabe? eles tem assistência, assistências particulares... pessoas, por exemplo, os bananicultores, né? aqueles que tem terra, que tem funcionários, eles puderam de dar um pouco de mantimento pra esses funcionários, né? então, cada um ajudou como pode... porque foi uma coisa tão assim, que o poder público não teria poder de montar uma equipe pra atender a demanda, porque foi muito grande... então essas pessoas se juntaram, foi daqui também esse menino aqui ((apontando para um rapaz na sala))... que também pediu socorro, nós pedimos socorro pra outras prefeituras, e eles mandaram caminhões, mandaram tratores, mandaram vap pra lavar a casa, botas... então cada um ajudou como pode... cada*

um fez a sua parte, né? e o prefeito, ele ficava mais/ ficou assim, além de atender internamente, atendia também aqui... porque ficou todo mundo que nem barata tonta, a gente não tava preparado pra isso...

***Apoliana**: na questão de abrigo ficou mais assim, as escolas acabaram sendo mais as merendeiras, os funcionários das escolas... as igrejas, pastor, um representante daquela igreja... que no salão da igreja católica ficou o pessoal da igreja católica que mais eh::: então só usa, mas também que respondia pra questão de, por exemplo, lá em Itapiúna quem dava as informações que ia de todo mundo foram/ foi uma merendeira de lá mais especificamente... então em termos de abrigo, os líderes comunitários, eles não atuaram tão efetivamente... a preocupação deles foi tirar pessoas, ver se a comida/ ver se foi a alimentação, se está vindo mantimentos, então essa foi a preocupação deles... a questão dos abrigos foi assim, a pessoa que faz parte daquele local, ela tomou afrente daquilo...*

***Elisi**: ela tomou a iniciativa...*

***Lara**: ótimo... passar pra segunda... só uma pergunta, sobre os locais de abrigamento... "qual o planejamento que existe hoje para abrigar os moradores desabrigados pelas chuvas?"*

***Apoliana**: normalmente nenhum...*

***Lara**: quanto ao planejamento... não?*

***Apoliana**: não... a gente sabe quais são os locais que vai, então, por exemplo, aqui na zona urbana, as pessoas vão no centro comunitário, vão na escola Jaime, vão na Viana, no espaço paroquial... as pessoas automaticamente elas sabem que tem esse local, mas formalmente eh::: por escrito, quantas vão, pra onde vão, como vai ser, isso já não tem... ainda não tem...*

***Lara**: certo... até pensando numa próxima situação de enchente assim... as pessoas assim, de que maneira elas se preparam né? é um pouco isso, ela já sabe pra onde vai porque ela já foi antes...*

***Apoliana**: isso... exatamente...*

***Lara**: ela só vai repetir uma atitude que ela já teve antes...*

***Apoliana**: exatamente...*

***Lara**: terceira, sobre redes de fornecimento... então sobre a infraestrutura e os equipamentos disponíveis durante a enchente... então primeiro sobre dormir, deitar, sentar-se, né? "o que é fornecido, tanto como doação, como bens da prefeitura, para os desabrigados, e o que oferecem às crianças e idosos?"*

***Apoliana**: em situações externas?*

***Lara**: eh::: também de doação, e de bens da prefeitura... o que tem disponível também pra oferecer...*

***Apoliana**: disponível hoje? agora?*

***Lara**: é, hoje agora....*

***Elisi**: as escolas têm carteiras, cadeiras, mesas...*

***Lara**: primeiro pensando assim, onde as pessoas vão dormir, onde elas vão...*

***Elisi**: na sala de aula...*

***Apoliana**: nas escolas na sala de aula... nos abrigos, que tem, por exemplo um clube ali... o centro comunitário que é um espaço aberto, as pessoas vêm com a mobília e ali se fecha com a própria mobília constroem um canto...*

***Lara**: então eles trazem deles mesmos?*

***Apoliana**: isso ((afirmando com a cabeça))...*

***Lara**: o colchão? então eles trazem?*

***Elisi**: isso... às vezes eles montam a cama, a beliche lá...*

***Apoliana**: então pros abrigos são poucos os colchões que a gente recebeu pra doação, porque a gente não tinha colchão disponível assim pra doação... ninguém tinha... então geralmente as pessoas trouxeram... os poucos que precisaram ir pro abrigo, foram poucas as famílias que chegaram num abrigo sem um colchão pra dormir... e quando (houve) em alguns casos, houve revezamento, as pessoas se revezavam ali... mas praticamente colchão ali, essas coisas... roupas... essas coisas elas trazem... não teve situação da pessoa chegar assim, sem nada, nada, nada...*

***Elisi**: se teve foi um ou dois casos...*

***Apoliana**: muito pouco...*

***Lara**: e não existe então um estoque da prefeitura de algum equipamento que é levado pra esses abrigos?*

***Elisi**: olha, o que eu tenho hoje são roupas, né? roupas, calçados, sempre a gente tem, né?*

***Lara**: mas de equipamentos mesmo, colchão, cobertor... não tem? estoque assim?*

***Elisi**: a defesa civil... geralmente ela tem um estoque, mas um estoque muitíssimo pequeno, de botas...*

***Apoliana**: e vai chegar no dia seguinte, né?*

***Elisi**: não, às vezes a gente tem... se for, por exemplo, vinte colchões... é um estoque tipo assim...*

***Lara**: ah, tinha uma pessoa/ tinham duas pessoas da defesa civil aqui na outra equipe... lembra que eu falei pra ficar um em cada grupo? foram os dois pro outro grupo, né?*

***Elisi**: na verdade somos uma média assim de vinte, trinta colchões...*

***Lara**: é que aqui a gente tá colhendo informações sem a presença da defesa civil...*

***Cintia**: quer que a gente traga alguém do outro grupo?*

***Lara**: é, se puder, por favor...*

***Elisi**: dessa vez nós estamos estocados porque muita gente doou, então temos só alguns colchões...*

***Lara**: eles estão ali mesmo ((apontando para outra sala))...*

***Elisi**: então é assim... alimentação, se for necessária a gente disponibiliza do fundo... se a escola tem, a gente disponibiliza... por que se você atende a família, você está atendendo o aluno da mesma forma, você está deixando de atender pra merenda escolar mas tá atendendo a criança dentro dos abrigos... idosos também a mesma coisa, né? e também está sendo atendido da mesma forma, que é a família, né? a agente não separa, família, de idosos, de crianças... que é assim, a necessidade é de um abrigo mesmo, adequado né, mas o que nós temos é tudo provisório e é tudo doações... inclusive a prefeitura está numa situação difícil porque o ano passado já teve uma enchente e não... assim, teve uma calamidade mas foi na zona rural... as estradas, muita chuva, pontes, se romperam, então a prefeitura teve que disponibilizar o recurso pra melhoria de estrada, de pontes que caíram e foi um momento que estava sem recursos financeiros... então pra gente comprar um fisico, a prefeitura tinha que comprar tantas cestas básicas... não tinha esse dinheiro disponível...*

***Lara**: deixa só eu aproveitar e perguntar... é o seguinte, por isso que eu tinha falado de dividir, a gente ficou com uma dúvida aqui... que a defesa civil pudesse responder... com relação aos estoques, do que*

tem preparado para atender uma próxima situação de enchente... então, por exemplo, se tem colchão no estoque... o que que vocês têm disponível...

***Renato**: como funciona a defesa civil, ela funciona em três níveis né, de atendimento... tem o estadual, que tem um estoque central lá em São Paulo... tem o regional que fica o estoque em Registro, que no estado funcionam vinte e quatro desses estoques regionais, justamente para a região aqui de Vale do Ribeira, do Paraíba, que são os locais que normalmente têm problema... mas aqui do Vale do Ribeira fica em Registro... lá tem uma sede, com uma capacidade limitada, de coisas lá que ficam estocados, por exemplo, colchões...e (para) plano de minutos é o que a gente consegue, pela capacidade do estoque... está estocado, que é ali do lado do DAEE, que é o órgão do Estado que eu trabalho inclusive, que o órgão dessa coordenação regional...*

***Lara**: e quando, por exemplo, ocorre uma enchente aqui em Eldorado... como que é a logística pra mandar isso pra cá? demora um tempo?*

***Renato**: é, geralmente é a questão da prefeitura acionar e a gente já conseguir mobilizar a situação... ela tem algumas vezes que a prefeitura mesmo tem o caminhão pro pessoal mesmo poder fazer o transporte de material e lá mesmo no próprio DAEE nós temos o pessoal que fica dando esse suporte, e às vezes quase sempre tem um caminhão, mas o caminhão de lá também... até tá quebrado...*

***Lara**: é que se esse estoque está meio longe, às vezes com as estradas interditadas, como é que vocês fazem pra conseguir fazer chegar esses colchões... e em diferentes edifícios, né? o salão paroquial é uma coisa, as escolas...*

***Renato**: na grande maioria dos casos, as prefeituras que retiram lá em Registro... é feito dessa forma... aliás a questão do acesso pra cá eu já não sei dizer... porque é por parte da prefeitura... porque elas é que vão tirar lá...*

***Lara**: certo... e sobre... e aí eu falei com relação às crianças né? se tem alguma coisa específica pra oferecer pras crianças e idosos... como alí mesmo ((apontando para os murais das ações 1 e 2)) a gente percebeu, as crianças gostam de fazer uma bagunça, né? a criança a princípio é curiosa, é ativa, que tipo de atividade é oferecida pra entreter... leva uma televisão pro abrigo, pras crianças ficarem sentadinhas pra assistirem televisão...*

***Renato**: eu fico meio comprometido, por exemplo, porque essa pergunta pra defesa civil de São Paulo...*

***Lara**: ah, não... é pra todos nós (esta pergunta)...*

***Elisi**: na verdade, cada um leva a sua televisão, playstation, que tem uns que levam, e mesmo porque, estava chuvoso, não tinha como levar em praça pública e tudo isso aqui estava alagado... não tinha pra onde ir... levar, as quadras comprometidas, as escolas já eram os abrigos, então não tinha o que fazer... professores todos envolvidos em atender as pessoas atingidas, então você não contava com uma pessoa...*

***Lara**: mas arranjaram um videogame não sei de onde?*

***Elisi**: não, eles trouxeram de casa... essas coisas eles preservam...*

***Apoliana**: fogão eles trazem também... só geladeira que é mais complicado, mas alguns trouxeram*

***Lara**: e aí eles juntam um grupo?*

***Apoliana**: não, não... aí é organizado... cada um faz um espaçozinho pra cada um... com a própria mobília eles se organizam ali...*

***Lara**: uhum, entendi... então, ou seja, as crianças seguiram... porque elas seguiram, porque elas precisam se distrair, não dá pra ficar...*

***Cristiane**: ainda mais aqui assim, todo mundo conhece todo mundo mesmo que esteja na praça brincando, a própria comunidade tá se ajudando, cuidando... não tem uma pessoa exata pra fazer isso, mas no geral né, todo mundo ajuda...*

***Lara**: e com relação aos idosos, tem alguma coisa específica pra eles?*

***Apoliana**: não, não temos...*

***Lara**: e como esses espaços, igrejas, escolas, são adaptados para funcionar como abrigo? também parte disso nós vimos nos desenhos já... eh::: carteiras escolares que se tornam armário, etc... que outro tipo de adaptação que acontece pra transformar um espaço que é uma escola pra servir como...*

***Cristiane**: em geral eles tiram todas as carteiras, mesas, fica como um quarto, né? eles acomodam os móveis e aparam...*

***Elisi**: a cozinha é coletiva, então já prepara pra todo mundo, já faz alimentação ali...*

***Cristiane**: é que esse ano na verdade nem eles fizeram a alimentação, né? foi feito na creche, foi um dos locais onde foi preparada a alimentação, e foi entregue... mas iam, faziam um marmitex, então não tinha problema de lavar louça, de cozinhar, nada disso... então a prefeitura dispôs disso tudo...*

***Apoliana**: na verdade foram dois locais, foi a creche e foi a escola Jaime... então a gente colocou, informamos todos os locais que teria os horários do café da manhã, almoço e janta, três refeições que iria ter... então as pessoas iam até os locais e a única coisa que a gente pedia era que as pessoas arrumassem um potinho próprio, né, pra ir lá se servir... a pessoa podia comer lá, como ela podia fazer uma marmita e levar pro abrigo onde ela estivesse... e eles organizaram isso e o que a gente tentou fazer é que na medida do possível, cada sala de aula ficou uma família, então não se misturou famílias em sala de aula... nas escolas foi possível isso, no salão paroquial e no centro comunitário não, a própria mobília tinha que fazer isso...*

***Lara**: e com relação a um tema que a gente já tocou, né... é, entretenimento, assistir tv, brincar, jogar... e como eles resolvem o problema de comunicação durante o desastre, e porque a maioria dos equipamentos são eletrônicos né, são de energia elétrica...*

***Elisi**: nessses locais têm energia elétrica...*

***Lara**: tem energia elétrica, e não tem problema de sobrecarga...*

***Elisi**: não...*

***Lara**: o problema de comunicação também... só nos primeiros dias que fica sem telefone e depois volta... ou não?*

***Apoliana**: não, telefone ele... as duas primeiras semanas foram complicadas... porque não tinha sinal, não tinha energia pra carregar celular, então assim... a gente não teve, nas duas primeiras semanas, um dia que a gente ficasse totalmente com comunicação... principalmente a questão da telefonia, seja ela celular, seja ela fixa... a gente ficava assim, fora do ar... era bem complicado...*

***Elisi**: mesmo a comunicação, você diz assim, não de voz, mas também de condução, porque os bairros... pra você passar pros bairros tinha/ tava interditado... então você estava cercado por água, então não tinha comunicação entre os bairros... teve bairro que ficou isolado por uma semana...*

***Apoliana**: é, tem bairro que não funciona celular, só tem telefone de orelhão, e aí esse telefone de orelhão, que normalmente já é complicado a comunicação, tava praticamente... é, tinha que ter alguém que viesse de lá e trouxesse informação... a gente tava bem na idade da pedra, só faltou... ((risos))*

***Elisi**: nosso problema maior é a zona rural, porque é aquela que a gente não tem como ir, a não ser de barco... não tem outra forma... às vezes ainda têm que atravessar o rio, aí não tem balsa, a balsa já não*

funciona, tem que ir de barco... o rio é muito perigoso... é só durante o dia, a noite não dá pra você tentar se movimentar... nem a defesa civil vai... e, assim, são cinquenta e sete barcos, muito distantes um do outro... então, assim, eles têm que se virar como podem... da mesma maneira que alguém vem trazer uma informação ou buscar alguma coisa, até a gente poder chegar lá... então a comunicação é difícil...

***Apoliana**: teve bairro que acho ficou quatro semanas sem acesso... diz ela, a pessoa, que estava há um mês... ela não conseguia levar mantimento... um porque não conseguia se chegar no local, não tinha, não tinha forma nenhuma... então teve muitas coisas que a gente acabou descobrindo que a gente nem sabia que existia... situações bem distantes... e como o nosso município, ele 51% da população fica na zona rural, e tem partes da zona rural que de uma casa pra outra é uma distância muito grande... então pra gente foi uma/ foi bastante pesado pelo tamanho do município mesmo...*

***Elisi**: e pela falta de conhecimento... porque por exemplo, ela ((apontando para Apoliana)), pode ser que ela conheça uma parte, mas não conhece todo o município, então aqueles que estavam disponíveis, estavam como voluntários, eles não conheciam... não conhecem por exemplo Itapiruna, os bairros que tem, sabe? onde tem pessoas... então, foi uma loucura isso aí, porque a gente não contava com as pessoas de lá... mas as pessoas daqui que iam pra lá, então, ficou difícil, bem difícil... uma situação bem atípica...*

***Lara**: até... é a quarta ou quinta vez que eu venho pra cá e eu sempre tinha alguém que conhecia o caminho... dessa vez viemos com uma pessoa que não conhecia, viemos por uma outra estrada... lembrei muito do que você falou ((apontando para Apoliana)), sobre a extensão do município, porque a gente não tem certeza que é Eldorado, porque você não tem nem essa referência, né? aqui é a cidade ainda, ou é outro lugar? e é muito disperso mesmo... é uma casinha aqui, aí anda, uma bananeira, uma outra casinha alí... então da alimentação a gente já falou bastante coisa... vamos ver do que que faltou... é, quais são os equipamentos que são levados para os abrigos, para preparar as refeições... aí vocês falaram que tem um pólo pra garantir (a alimentação), a creche... mas aí é um fogão industrial?*

***Apoliana**: é, industrial... foram a creche e a escola Jaime, foram dois locais de alimentação...*

***Cristiane**: é o usado pra merenda, né? então é o fogão industrial, que atende muitas crianças...*

***Lara**: é justamente, mas que atende o quê? vinte pessoas, mais...*

***Elisi**: não, cabe mais de quatrocentas pessoas...*

***Cristiane**: é, porque além de fazer a alimentação pras pessoas que estavam desabrigadas, eles faziam pra gente que estava trabalhado... porque a gente estava assim, direto... começava às 7 horas da manhã e não tinha hora pra parar, meia noite, uma hora... se estivesse chegando doação, a gente corria lá pra fazer a separação, pra montar a cesta... a gente não tinha horário pra dormir...*

***Lara**: mas se a gente pegar por exemplo, um pobre, na creche... pra quantas esse centro servia de alimentação?*

***Apoliana**: acho que o Jaime consegue fazer umas cem refeç/, mais né?*

***Elisi**: a escola normalmente faz pra duzentas crianças, alunos... dá pra fazer mais... ((consulta o homem de vermelho atrás)) umas quinhentas refeições...*

***Apoliana**: a creche dá pra fazer bem menos em quantidade por/ eh::: não, é o mesmo, porque é a mesma coisa...*

***Elisi**: o Veloso também...*

***Apoliana**: mas o Veloso não chegou a usar, o Veloso só tinha uma família abrigada lá...*

***Elisi**: então são mais de quinhentas...*

***Lara**: mas esse mais de quinhentas você contou nos dois, ou vocês estão pensando em cada um?*

***Apoliana**: em cada um... porque até a população que não tava em abrigo, mas que foi lá pegar alimentação foi servida... porque tem gente que estava sem compras, tem gente que perdeu a compra do mês...*

***Elisi**: estava na casa de parente que não tinha o que comer...*

***Apoliana**: se a sua família é de três pessoas e aparecem vinte, a sua dispensa não dá... e como a água subiu no dia 2 de agosto, tinha gente que não tinha recebido ainda... não tinha feito compra de mercado...*

***Cristiane**: e o mercado não tinha mais, não tava tendo mais mantimento...*

***Lara**: eh::: ((checando a lista de perguntas)) quantas pessoas servidas por fogão, é mais ou menos aquilo que vocês falaram, né? se souber mais alguma informação quanto a estocagem da defesa civil, também pode interferir aqui ((falando para Renato))... então, estocagem... estocagem e pra guardar os pertences... "como armazenam e distribuem alimentos, roupas, que serão utilizados durante o período de estadia no abrigo"?*

***Elisi**: nós tivemos uma/ um apoio da igreja adventista... fazenda Itaipava, ela tem um acampamento com duas mil pessoas, mas é da própria igreja, só que ela tem no local várias casas, chalés, a igreja organizou pra gente guardar... pra não chegar aqui, porque se chegasse aqui ia ser saqueado na verdade, então nós preferimos deixar lá, porque lá você chegava, recebia, montava a cesta, separava as roupas, pra já trazer tudo separado... porque se trouxesse pra cá seria um problema muito sério, porque trazer pra cá, com o povo chegando e saindo você não sabe quem foi pra ( ) e quem não foi... então lá montava-se as cestas/*

***Lara**: um ponto só?*

***Elisi**: é um ponto só... porque era bem... é uma fazenda na verdade... é um local muito grande... ((Apoliana faz uma pergunta)) eh::: não dá cem quilômetromes... acho que uns três quilômetros daqui... então os caminhões já chegavam, não precisavam nem entrar na cidade... porque também ia ser terrível, não tinha por onde entrar... então estava comprometido o trânsito, deixava lá, se fazia, depois deixava o caminhão da prefeitura com uma ou duas equipes, passando nas ruas que foram atingidas, né, e ali já ia entregando colchão, material de limpeza, comida, roupas, calçados... e outros vinham buscar aqui... água...*

***Apoliana**: são duas refeições... pros abrigos, o que acontecia, como eles tinham onde comer, o nosso foco não era entregar comida pra eles... o nosso foco era roupa, medicamentos, colchões, água, coisas mais... o nosso foco era esse... porque como ele tinha as refeições pra fazer aí, então a gente não se preocupou, não era prioritário entregar comida pra eles no primeiro momento...aí no primeiro momento a questão da alimentação, colchões, essas coisas eram pras pessoas que estavam abrigadas nas próprias casas, elas estavam em outros tipos de abrigos... não abrigos como esses daqui, comunitários, com tanta estrutura... pras pessoas que estão na casa de outras pessoas, enfim...*

***Elisi**: saiu, voltou, voltou pra casa, já era entregue aquele kit daquilo que ela necessitava... e a medida que cada um ia voltando pra casa, ia liberando isso aí...*

***Apoliana**: e os daqui, os abrigos também.. ia essa questão do material de limpeza... que acho que no abrigo, a questão mais delicada é a questão da higiene, da limpeza... que o que acontece, eles estavam aqui, aí baixava a água e já voltava pra casa pra lavar... então esses, que estavam nos abrigos comunitários, o nosso foco era higiene, roupa e colchão... alimentação eles tinham alimentação ali, quando eles voltavam pra casa aí sim a gente voltava o foco em dar alimentação pra eles, porque aí eles estavam cozinhando em casa, não estavam mais se alimentando aqui...*

***Lara**: por conta dessa situação que a gente viu ali ((apontando para o mural das atividades anteriores)), a partir do quarto dia, que a água abaixa, e a pessoa já consegue voltar pra casa e querem começar a fazer faxina logo...*

***Apoliana**: e eles querem voltar...*

***Lara**: no caso já dá pra dormir e cozinhar...*

***Apoliana**: hum, mais ou menos... dependendo da casa... porque a água que vem, que tá disponível, é uma água suja... então essa água não dá pra cozinhar... e a casa ela está molhada, ela tá cheirando mal, por mais que você limpe, ela não tá boa pra você voltar pra lá... então como você não volta, você também não cozinha lá, você continua no abrigo e deixa ela aberta pra ela também poder ficar secando... então na primeira semana é só quem pegou muito pouco mesmo que volta, ou então as pessoas que não tem mesmo pra onde ir... não é que não tem, né? é que não se dispõe, que se nega a ir pro abrigo ou pra qualquer outro local...*

***Lara**: e uma coisa também importante, que não tá nem aqui, tá no outro questionário... mas com relação ao tratamento da água... tem uma coisa que é a água que você bebe, outra que é essa água que até dá pra fazer faxina, pra limpeza... como que é o fornecimento de água?*

***Elisi**: foi a Sabesp que forneceu né, pra limpeza das casas...*

***Apoliana**: foi a Sabesp que forneceu ((afirmando com a cabeça))...*

***Lara**: o caminhão pipa que vem...*

***Elisi**: isso, que vai, lava as ruas...*

***Lara**: mas também precisa de mais né, é insuficiente...*

***Elisi**: é insuficiente... é demorado... demora muito mais tempo para atender a população... a prefeitura não tem esse tipo de equipamento para atender a população... aí tem aqueles tirão também que usa pra plantar banana... teve muitos bananicultures, muitos empresários que tinham...*

***Lara**: esse eu não conheço...*

***Elisi**: é tipo de uma bomba né... também... a pressão...*

***Lara**: é pra regar irrigar a plantação?*

***Elisi**: é, eles pegavam água... não sei se era do ribeira... e usavam pra tirar a lama né? rápido, porque se ela grudasse, depois só com enxada... então no primeiro momento era isso, você tinha que ter muita vassoura, rodo pra puxar lama, né? e agora a água potável, graças a Deus a gente recebeu muita água, então eles vinham buscar aqui...*

***Apoliana**: a água demorou uma semana pra chegar, então foi o suficiente pra todo mundo, né?*

***Elisi**: é, mas no começo veio...*

***Apoliana**: veio, mas no começo não era suficiente... a gente teve que contar quanto a gente tinha que dar de água porque se não a gente não conseguiria entregar (para todos)... a água veio suficiente a partir da metade da segunda semana, que a gente conseguiu chegar a dar água... no começo era tão pouco que era assim... quantas pessoas? e vocês vão tem um litro pra tantas pessoas porque não era suficiente...*

***Elisi**: e muitas caixas (d'água) estavam sujas né, porque as casas foram cobertas... poços foram todos comprometidos, né? o problema da cidade era água...*

***Lara**: faltam quatro aqui, eh::: a higienização então, como suprem as necessidades extras de sanitário, chuveiro e lavatório, e quantas pessoas mais ou menos usam por equipamento... aí ((apontando para o mural)) a gente viu que a quantidade de chuveiros que já tem, aquelas pessoas conseguem se organizar... porque eu lembro da última vez que eu vim você falou de sair pra comprar chuveiro, ter que instalar... ((olhando para Apoliana))*

***Apoliana**: é, mas só no centro comunitário, porque nas escolas tinham, no centro salão paroquial também tinha... foi só no centro comunitário que teve que comprar mesmo...*

***Lara**: não precisou de instalação extra?*

***Apoliana**: não...*

***Lara**: já tinha?*

***Apoliana**: no centro comunitário era colocar mesmo o chuveiro, porque já tinha toda a estrutura, só não tinha o chuveiro... aí colocou, ficou bom...*

***Lara**: e pra pia, vaso sanitário a mesma coisa?*

***Apoliana**: é, porque é escola, né? tem bastante... o clube, já é o suficiente...*

***Lara**: com relação a cuidados com a roupa... por conta do tempo né, também não tem tanta necessidade, mas oferece algum tipo de lavanderia assim?*

***Elisi**: não...*

***Lara**: ou quantas pessoas usam por tanques pra...*

***Elisi**: não, não tem...*

***Lara**: é rápido né? não chega a esse estágio...*

***Elisi**: não, mesmo porque vai recebendo roupas, né?*

***Apoliana**: e roupa é o que mais vem de doação... muita roupa...*

***Lara**: então não precisa lavar, né?*

***Apoliana**: assim... absurdo...*

***Lara**: a última das atividades é quanto a privacidade e segurança... trocar de roupas, cuidar dos machucados, proteger a família, ficar sozinho, etc... há uma quantificação de espaço mínimo por família desabrigada?*

***Elisi**: aí eu também fiz, porque trocar de roupa é no banheiro mesmo, né?*

***Apoliana**: são duas situações... nas escolas, como tem aquele banheiro de escola né, e a gente conseguiu organizar cada família numa sala de aula, então tinha essa privacidade... a gente teve problemas no salão paroquial/ não, desculpa... no centro comunitário que tem o espaço do banheiro, que são duas casinhas do feminino e duas do masculino... só que a gente teve problemas na questão de comportamento... pode falar? ((riso)) privacidade, enfim... lá a gente teve esse problema, no centro comunitário... no salão paroquial não teve, não sei se por ser uma questão de ser religioso, as pessoas respeitaram melhor, e lá cabe menos famílias... lá cabe acho que umas dez e eles eram meio que parentes né, eles tinham meio que uma... não era pessoas totalmente desconhecidas... e na igreja também, não tivemos problema, acho que pelo fato de ser uma instituição religiosa, as pessoas ficaram mais tranquilas... o único problema que nós tivemos mesmo foi no centro comunitário...*

***Lara**: entendi... mas vocês não tem uma conta... é, se não há planejamento, não há uma área mínima...*

***Apoliana**: não...*

***Lara**: e a última então pra encerrar, por que eu também já vou liberar vocês, é com relação a investimentos a longo prazo... é, quais orçamentos já existem ou estão sendo elaborados pra compra de suprimentos, equipamentos, para abrigos, estocagem, kit sobrevivência, construção etc.?*

***Elisi**: não... isso aí se eu não me engano o S.O.S. está montando um projeto, alguma coisa, mas no momento, até agora nada, não existe...*

***Lara**: existe alguma coisa da defesa civil, em termos de longo prazo, enfim.. ou até de ter um fornecimento, alguma coisa, pra compra e estocagem de/ desses suprimetos... de abrigo, estocagem de barracas, etc...*

***Renato**: então, o que tem é o estoque regional, o estoque estadual...*

***Lara**: isso é o que já existe... mas até a pergunta diz respeito a medidas de longo prazo... mesmo que seja um orçamento que está sendo feito pra comprar, pra aumentar esse estoque... existe alguma coisa nesse sentido?*

***Renato**: isso eu já não sei responder...*

***Apoliana**: porque na verdade as coisas, em termo de alimentação, a própria defesa orienta a gente que só pode estocar por 6 meses, e aquilo que eles mandam pra gente tem que doar em até 3 meses, né? a gente não pode ficar com aquilo mais que 3 meses conosco... então em termos de alimentação não dá pra saber se é a longo prazo... assim, pode ter a verba, mas se isso faz parte do trabalho deles ter essa verba de ter essa alimentação... e colchão, é uma coisa que você não tem como estocar... porque a gente sempre ficava assim, vem um caminhão de colchão e um caminhão de alimento, o que é mais importante, né? então a gente sempre tinha que fazer essa escolha, porque o colchão ocupa um espaço...*

***Elisi**: é só durante aquela crise, passou, não vem mais coisas da defesa civil... então a gente conta com o quê, com umas doações...*

***Lara**: e não existe um estoque, porque as pessoas levam embora...*

***Elisi**: levam embora... você deu um colchão pra ela, ela não vai te devolver...*

***Apoliana**: e colchão também não serve pra ser estocado... é só pra uma questão de emergência... se você estocar eles também se acabam, né? ((risos))*

***Lara**: bem, muito obrigada...*

Entrevista Grupo 1
Segunda rodada de entrevistas

Profª Drª Lara Leite Barbosa

Cristiane Marcela de Souza, doméstica
Ricardo Chimichaque de Siqueira, lavrador
Pedro Luiz Lara Ribeiro, autônomo
M1: moradora 1 (com blusa regata colorida de bolinhas)
M2: moradora 2 (com camisa polo cinza)
M3: morador 3 (com camisa polo azul)

Transcrição da entrevista com os membros públicos do grupo 1, segunda rodada:

***Lara**: eh::: após a última enchente, quais as alterações que você fez em sua casa para se preparar no caso de surgir uma nova enchente... alguém fez alguma reforma, alguma mudança na casa pra se preparar pra próxima enchente?*

***M3**: espera aí... a pergunta foi a última?*

***Cristiane**: é como você se preparou pra uma próxima enchente...*

***Lara**: porque o tema da primeira pergunta é sobre planejamento, como você está se prevenindo pra uma próxima... então pensando nessa medida de prevenção, o que que você fez na sua casa... alguma reforma, alguma adaptação pra se preparar pro caso de ter uma próxima enchente...*

***Cristiane**: eu morava em área de risco, então, minha mãe já cansada de várias vezes já se antecipava... ia no mercado, pedia umas caixas pra gente ter onde guardar as coisas... então, ela comprou um terreno numa vila, uma vila alta, né... que não tem perigo nenhum... então hoje nem ela, nem nenhum dos meus irmãos mora mais em área de risco... então ela teve esta aplicação né, ela mudou pra um local mais alto pra gente estar mais seguro... não dessa enchente, mas da última de 1997 foi essa atitude que ela tomou...*

***M2**: e eu retirei todos os móveis de dentro... eu retirei não né, porque eu perdi, né? eu só não repus... os móveis do cômodo de ( ), porque os prédios são de dois andares né... então o de baixo, que seria no caso só a sala e a garagem, a sala não coloquei mais nada, deixei vazia...*

***Lara**: então tem uma parte da sua casa que está completamente vazia?*

***M2**: completamente vazia...*

***Lara**: isso já é... já responde à pergunta... a pergunta que eu fiz antes é que ( ), se tem líderes na sua comunidade, quem são esses líderes e como eles agem nessas emergências... vocês identificam alguém que atuou como um porta-voz de vocês, que ajuda a dizer o que tem que fazer...*

***Cristiane**: acredito que não... é mais assim, um representante...*

***M3**: o pessoal da defesa civil, né? e também acionando a rádio comunitária que tem aqui né, eles também meio::: o que eles anunciaram foi meio deficiente... porque eles anunciaram uma coisa e na verdade ( ) informações...*

***Lara**: você tá lembrando de alguém? ((olhando para Pedro)) não?! ((risos)) eh::: já sobre os locais de abrigamento, o que você vai fazer se ficar desabrigado em questão das chuvas novamente?*

***Pedro**: normalmente, o pessoal se liga em quem tem mais área de risco próximo ao rio... quem mora um pouco mais afastado assim do rio, a gente não se prepara... a gente nunca se prepara... a gente se prepara no caso das maiores que foi de 1997 e as chuvas agora em Agosto... só que assim, se preparar mesmo pras enchentes, altas enchentes, não... a gente tem informações assim, de quando que vem, qual é a situação que pode chegar a invadir as casas...*

***Lara**: mas se acontecer, o que que você vai fazer? se for amanhã, o que você faz?*

***Pedro**: eh::: tomar banho e ficar no desespero, né? porque aqui... a gente corre, pros lugares mais altos, que nem ela falou aqui mas às vezes não dá nem tempo... que nem essa última que veio a gente não esperava, quando foi ver já tava entrando nas casas e a gente correu, foi pro lugar alto mais perto... no caso meu a gente foi pro posto de gasolina, mas a gente corre pro local mais próximo lá... porque quando acontece a gente fica sem informação aqui no começo, a informação lá pra baixo o pessoal já sai antes... então o pessoal já tem como correr pra esses abrigos... e quando chega aqui, é difícil, porque já é em cima da hora, então não tem pra onde correr assim, de imediato...*

***Lara**: você mora aonde?*

***Pedro**: eh::: aqui próximo ao posto de gasolina da caverna, alí né... então não tem onde correr pra um lugar mais alto... então essa é pra quem mora ali no começo disso... porque achando que talvez não vá chegar, e aí acaba não tendo pra onde correr... e às vezes acaba chegando...*

***Cristiane**: na verdade se chega, a gente acaba ficando ilhado, né?*

***Pedro**: fica ilhado, porque eh::: as duas faixas, tanto pro pessoal de base, quanto pra quem mora aqui, que acha que é seguro mas não é...*

***Lara**: alguém mais?*

***M2**: é mais ou menos o que ele disse, é que quem mora num lugar de risco pode ser que pega... eu que moro próximo, é difícil pegar enchente, mas no caso da ( ), a gente já ficou ilhado de barco e eu saí com (a roupa do) meu corpo né... e se acontecesse de novo, acho que seria a mesma... porque sozinha num posto de gasolina e carro, porque tem roupa pra ajudar, e só tem que pegar um particular mesmo, porque igual aconteceu dessa vez, é cem reais pra estar mudando... teve abrigo? teve, em área justa, ( )... mas a gente sai e deixa tudo em casa, paciência...*

***Lara**: entendi...*

pausa na entrevista

***Lara**: agora sobre as atividades, né? eh::: quem ficou em abrigo? você ficou em abrigo? ((apontando para Moradora 1))*

***M1**: não... esse ano não, fiquei em casa de parentes...*

***Lara**: mas e no passado?*

***M1**: da outra vez sim, da outra vez eu fiquei...*

***Lara**: e o que vocês receberam no abrigo?*

***M1**: é que na verdade só foi pra dormir... eu lembro da gente de estar tudo alagado ( ) assim de casa, e a gente subiu, até o ponto que não estava com água... porque antigamente aqui era um vazio, ( ) que tinha desativado, e tinha umas pessoas que já estavam aqui... então a gente estava, tipo eu e toda a minha família alí, sentados na farmácia e a mulher ( )... no posto ficou onde ela guardava as roupas dela, numa salinha... aí eu, minha mãe e meu irmão fomos dormir na porta da igreja católica... dentro da igreja, mas bem na porta... porque ( ), então tinha bastante famílias, mas não tinha espaço pra gente... então a gente ia só dormir, e durante o dia a gente ficava por aí...*

***Lara**: e o que que vocês recebiam nessa passagem?*

***M1**: a gente recebeu... eh::: ( ) durante colchão, depois que passou ( ) pra casa... no dia assim, alimentação, tinha quem mexe com comida e tudo lá... e depois, quando voltei pra casa tinha colchão, roupa, assim... cesta básica...*

***Lara**: mas aí na sua casa... mas tinha assim, seu colchão ficou estragado?*

***M1**: é, ficou tudo debaixo d'água... aí sim, pra recomeçar... eu mesma, eu optei por ficar com meu colchão, lavei e reutilizei, mas enquanto ele estava molhado, eu usava o que tinha recebido...*

***Lara**: alguém tem mais alguma coisa sobre o que recebeu?*

***M3**: eu não fui pro abrigo, mas fui pra casa de um filho meu, fiquei uns 2 ou 3 dias e completei os 8 dias na casa da minha filha que também não foi a água... só na minha casa que foi... então eu não precisei, não...*

***Lara**: eh::: como o espaço adaptado pelas crianças... aí no caso vocês viram como as crianças usaram o abrigo, enfim, como eles faziam lá dentro...*

***Cristiane**: na época que eu ficava no abrigo né, em 1983 teve uma enchente parecida com essa... eu me lembro vagamente, a gente brincava dentro do centro comunitário mesmo ali, ou na praça... com o que a gente tinha... é bola, corda, porque aqui, como eu falei, a gente conhece todo mundo, é um município muito pequeno, então a gente tem essa liberdade de ficar brincando na rua... não tem esse perigo, uma situação de sumir, de alguém desaparecer, né? e a própria comunidade ajuda a cuidar... se o pai não está por perto, mas tem o vizinho, o tio que às vezes estava por aí... está de olho, tomando conta... então assim era a forma da gente se distrair, e muitas crianças nadavam naquela água... o rio campo começava a baixar, a gente ia pro campo nadar, jogar bola, sem noção nenhuma do perigo que estava correndo... mas é o que você mais vê, com o rio que baixa a água... o pessoal jogando bola, como se nada estivesse acontecendo...*

***Lara**: ( ) onde vocês cozinham e onde comem quando vocês estão desabrigados? acho que a gente até podia mudar um pouco, da experiência que vocês viveram, né...*

***Pedro**: no meu caso assim... na maioria do pessoal eles estão falando de abrigo, né... no meu caso eu não fiquei em abrigo, eu fiquei em posto de gasolina, e a gente levou fogão tudo, e a gente conseguiu mesmo tirar da casa... a gente tirou fogão, e ali mesmo a gente ficou no posto de gasolina que era usado pelos funcionários, e a gente cozinhou, a gente dormiu ali mesmo, a gente usava o banheiro que era dos funcionários... e às vezes a noite, quando dava um pouco de frio, a gente passava frio... era uma situação difícil porque talvez no abrigo você ainda consiga ficar num lugar que seja aquecido, mas pra quem de última/ urgência não conseguiu abrigo, porque já estavam muitas famílias abrigadas, foi improvisar... então esse improviso assim, foram os dois anos que tivemos que/ foi difícil mesmo... porque até se você ficar numa situação de abrigo, num centro comunitário, numa entidade da prefeitura, com o calor humano você consegue até ( ), mas quem consegue fica mais difícil, porque você olha e parece que nunca vai acabar, entendeu? então pra quem está ainda num momento de desespero e não conseguiu um abrigo ainda é a situação da minha própria família, entendeu? foi todo mundo naquela situação, a gente não esperava, foi todo mundo praquela situação, então todo mundo ficou em situação de passar frio, entendeu? a gente ficava preocupado com a água, se a água ia chegar ou não... porque falava que não, mas só estava aumentando então ficou um desespero... uma situação de não passar num abrigo, né?*

pausa na entrevista

***Lara**: então retomando a gente vai incluir mais uma pessoa aqui no grupo ((referindo-se a Ricardo Chimichaque de Siqueira))... que é o seguinte, a gente está perguntando agora a seqüência de tipos de pergunta, que você recebeu quando ficou no abrigo... no caso, mesmo na sua situação ((apontando para o morador que ficou no posto de gasolina)), que você que ficou no posto, né? de certa forma, você passou frio, você recebeu cobertor, você não recebeu... colchão?*

***Pedro**: é, a gente usou aquele que tinha, mas no caso, depois que passou todo aquele o pessoal entregou... mas no caso da emergência a gente usava o que a gente tinha...*

***Lara**: depois de dois dias? quantos dias mais ou menos?*

***Pedro**: uns três dias, quatro dias...*

***Lara**: aí se você quiser descrever a sua experiência também... enfim... ((olhando para Ricardo)) primeiro em relação à doação... você recebeu alguma coisa?*

***Ricardo**: não, eu não recebi porque no momento eu não precisava... mas eu estava como líder no bairro (Vladimiu) e eles... quem precisava eu vinha e ajudava o pessoal... o que eu fiz foi o seguinte, eu consegui (três ou três mil) pessoas e fiz levantamento casa por casa... elas fizeram pra mim... casa por casa quantos moradores tinham, quantas crianças tinham... e fiz isso na Vila Maria, Capão Mágico e Capão Redondo... e em Meninos... aí eu trouxe até a S.O.S., só a apostila, e passei pra eles a relação, esse relatório... e por alí eles começaram a realizar realmente as cestas, as doações... começaram a entregar... porque o que estava acontecendo... por não ter um nó com as pessoas, a maioria estava fora de casa, estava em abrigo... então o que ocorria... o caminhão chegava com doação e (...)*

Troca das fitas

***Cristiane**: a gente pegava água igual dessa vez... na minha casa não chegou porque eu moro ali onde não pega mesmo... mas foi como eu comentei, eles deixavam o uso da água pra quem mora pra cá, que estavam se preocupando em limpar as casas... e a gente ficava trabalhando como voluntário o dia inteiro, você chegava em casa e não tinha água... tinha que pedir pra um vizinho, alguém pra na hora que o carro-pipa passasse, guardar um balde... e o que você fazia, esquentava água no fogo, pegava uma caneca e tomava banho...*

***M3**: no dia do pico mesmo da enchente, eu duvido que alguém aqui tomou banho em Eldorado, porque não tinha água... não tinha água... do jeito que a gente estava/ do jeito que passou o dia, teve que dormir...*

***Cristiane**: não tinha água... muita lama...*

***Ricardo**: e além de não ter água e ter lama, também não tinha luz... a população do lado de lá tinha meio metro de lama... dava nos joelhos a lama deles... e então era uma situação precária, né? quem foi lá, voltou horrorizado... foi bem pior do que aqui na baixada... eu participei aqui com o pessoal do Jardim Helena, aqui... e trouxe os doze funcionários meus da cidade... e coloquei oito máquinas vap aqui... porque na verdade lá não tinha, a água era de reuso, como que você ia lavar as casas? aí eu consegui uns tratores, uns amigos meus aqui de Cariatiba... veio oito tratores, três carregadeiras e quatro caminhões ( )... e começamos a lavar as casas... pegava água lá na área industrial, lá na... pegava a água nos tratores e lavava os caras com o pipa no ( )... todas as casas ali do outro lado do rio, inclusive a escola, foi lavado com pipa, né?*

***Lara**: e só pra checar... com relação aos cuidados das roupas, como foi uma situação provisória, ninguém chegou a lavar roupa em tanque, improvisar varal...*

***Ricardo**: não, aí teve uns casos que o pessoal de Jacupiranga, de Cariati, de Pariupeva... teve um pessoal de lá, do ( ) doce pra resolver lá a situação, e levaram roupas pra lavar pra lá, entendeu? e depois entregava na casa das pessoas... eh::: eu tinha uma equipe de funcionários meus, que uma das mulheres, nos casos mais críticos, ela levava um balde pra casa dela lá no bairro dos limites e lavava pra essa senhora aí... e teve um outro caso que ela lavou as roupas também...*

***Lara**: então a última pergunta pra fechar aqui, com o caso/ com relação a/ caso o auxílio financeiro né, entre as duas opções... você prefere que sejam feitas medidas para se conter a enchente, como reformas e adaptações na sua casa onde ela está hoje... ou prefere se mudar para um local que não seja atingido pela enchente e construir uma nova casa?*

***Cristiane**: eu já estou numa situação dessas, onde eu estou hoje é num local que não atinge a enchente... pra mim não tem coisa melhor...*

***Ricardo**: na realidade, na situação mais grave não vai mudar, entendeu? o quê que vai acontecer/*

***Lara**: não a cidade, mas outra região mais alta, enfim... é mudar... você tem que deixar a sua casa hoje...*

***Ricardo**: é, a maioria não vai deixar... é... não tem condições financeiras pra fazer isso...*

***Lara**: então, por isso a pergunta é "caso exista auxílio financeiro"... se houver... plano de financiamento, enfim... se tem auxílio...*

***Cristiane**: eu não tive esse auxílio, eu tive que correr atrás do meu, mas se as pessoas tiverem... eu acredito que...*

***Lara**: então o que que é melhor? questão de reforma, adaptação, porque você quer ficar na sua casa... ou você de fato prefere mudar?*

***Ricardo**: eu acho que pelo tamanho da cidade, tem que haver infraestrutura... causar infraestrutura para a população sobreviver no local onde está, porque mina um pedaço né? então mudar um ou dois casos pode dar, mas nem todos... o que ahm::: como sobreviver? armar barracões em áreas altas com banheiros da prefeitura pra uma eventual ocorrência dessas... uma draga pra desassorear o rio, para uma enchente não ser tão grande como essa... entendeu? são meios que vão ajudar a população a sobreviver... primeiro, as pessoas que estão lá na área de risco, elas vão ter que mudar o dia a dia delas na casa... como? já que ela perdeu o guarda-roupas, ela vai ter que fazer um guarda-roupas de tijolos, de alvenaria... até pra ela não ter tantos prejuízos... pra enfim, uma eventual enchente, ela vai tirar as coisas... os pertences mais importantes pra ela, e vai sair pro abrigo, e depois vai bater uma água no guarda-roupas e não vai ter tantos prejuízos, entendeu? ela tira a televisão e o sofá e o restante é tudo rústico... é assim que a população nossa vai ter que...*

***Lara**: tem o último estágio agora que é realmente de sugestões...*

***Cristiane**: é isso o que eu ia falar... justamente, agora são as sugestões... no caso da gente, o que a gente optaria, né? tendo a verba pra auxiliar... permanecer ou sair, não é isso?*

***Lara**: é... "você não tá entendendo, eu tenho uma relação com a minha casa, que eu não quero sair de lá, porque eu gosto de lá, e se eu for ficar, eu quero ficar lá..."*

***Cristiane**: é, porque eu concordo que na parte de sugestões seria isso... mas cada um...*

***Lara**: é, a próxima parte... pera aí que só... terminar a bateria e vamos pra isso... tem alguma coisa que vocês gostariam de falar?*

***M1**: bom, eu, se fosse o caso comigo, eu gostaria de mudar... porque eu não tenho como confiar no prefeito, numa ação da prefeitura contra enchentes... porque como você viu, teve enchente em Agosto, e a gente está acostumado em Janeiro... depende dele, né? a gente espera mas...*

***M3**: sobre o que o amigo aí falou... dificilmente uma pessoa que gosta da sua residência vai querer sair, ele vai fazer o possível e o impossível pra fazer uma mudança como um armário de alvenaria, até uma cama, um guarda-roupas... tudo de alvenaria, pra quando ele vier da nova enchente, então ele sai, tira o sofá, como ele falou, e depois só bate água... porque como é de alvenaria, azulejado, fica normal... igual, eu já fiz em 1997, depois de ter enchente, que foi na minha casa... era assoalho... eu tirei todo o assoalho e botei piso, então agora é só bater água que já volta...*

***Lara**: o piso que você fala é de cerâmica?*

***M3**: é, isso... de cerâmica...*

***Lara**: tá bom, obrigada...*

Entrevista Grupo 2

Aluna Carla Yumi Takushi (Transcrição também realizada pela aluna)

Charton V. Gomes. Fundo Social de Solidariedade

Emilio Ornelas Martins. Divisão de Gerenciamento. CEDEC
Janilda de S. Oliveira. Turismo.
Renato Proença Rebouças Gonçalves. DAEE
Reinaldo de Melo, professor e diretor de escola aposentado

Transcrição da entrevista com os membros públicos do grupo 2:

1. Planejamento: Que medidas prevê o plano municipal preventivo da Defesa Civil (ou qual seria a iniciativa da instituição onde trabalha), com relação à habitação das pessoas atingidas pela enchente?

***Emilio**: acontece o seguinte.. () a Defesa Civil tem três patamares diferentes... você tem o nível nacional.. tem o nível estadual e o nível municipal.. a maior parte das responsabilidades são a nível municipal... aquilo que o município não é capaz de suportar passa pro Estado/ o Estado tenta ajudar.. de acordo com o que é estabelecido na lei... o que o Estado não puder suportar () não tiver condição... a União ajuda... no caso do () de Eldorado ainda tá sendo realizado/ tá sendo feito um con/ um trabalho conjunto com acadêmicos... e o pessoal aqui que é funcionário público.. no caso diretor de... diretor de.. de Meio Ambiente se não me engano... que acumula a função de/ é COMDEC.. Coordenador Municipal de Defesa Civil.. mas esse plano ainda tá sendo estruturado... na parte de habitações eu não sei o que foi feito.. ta sendo cumprida a lei que é o que eu vi agora.. de liberação de FGTS pras () atingidas por calamidades.. e há também a liberação do aluguel social...*

***Carla**: uhum.. sei... aí você já.. é.. é esse o planejamento existente pra..*

***Emilio**: o planejamento tá sendo elaborado...() não tá pronto... existe um planejamento ali a nível de Estado.. só que como num nível de Estado chove numa coisa mais macro.. ele não tem um ponto específico em Eldorado.. estão mapeados se não me engano.. quase setenta cidades com área de risco... são mapeados através de um contrato com uma empresa que é o IPT ou o IG...*

2. Locais de abrigamento: Qual o planejamento existente hoje para abrigar os moradores desabrigados pelas chuvas?

***Emilio**: sobre locais de abrigo?*

***Carla**: é.. isso..*

***Emilio**: não, na cidade de Eldorado eu não sei...*

***Carla**: não.. ninguém... ninguém responde?*

***Janilda**: na verdade enquanto num.. não terminar o plano né...*

***Emilio**: é.. () o plano ficar pronto pra poder]*

***Janilda**: os/ é os mesmos né.. que a gente utiliza toda vez que vem a.. a enchente.. acho que enquanto não terminar/ que acredito que teja.. né.. que faça parte do plano... mas no momento é os que tem..*

3a. Redes de fornecimento: O que é fornecido (doação, bens da prefeitura para os desabrigados? O que oferecem às crianças e aos idosos?

***Emilio**: o Estado de São Paulo tem quatro estoques de/ pra gerenciamento de emergências.. esses quatro estoques eles visam o atendimento do estado inteiro.. e nesses estoques nós temos colchões.. cobertores.. lençóis.. agasalhos... sapat/ é calçados.. no caso um tênis tipo daquele Conga antigo.. nós temos lonas plásticas para locais de erosão.. material de limpeza que é essencial.. e..*

***Rodrigo**: cestas básicas...*

***Emilio**: cestas básicas... e.. a liberação desse material para o município ele é mediante a situação de emergência.. o acontecimento da situação de emergência... ou seja.. esse tipo de material ele não pode ser liberado pra fazê;;.. caridade.. o único cuidado que tem de liberação do material pra caridade é que a cesta básica ela tem um prazo de validade se não me engano de seis meses... nós controlamos isso através de um programa de computador.. nós temos uma quantidade em estoque.. quando vai chegando próximo da data de validade dessa cesta básica.. aí ela é toda encaminhada pro.. pro fundo de.. solidariedade do estado.. que distribui pra caridade.. pra que não se perca aquele material comprado pelo Estado... e.. pra você pegar você ainda tem que cadastrar as famílias.. qual é a/ cada dessas famílias.. porque após um período de tempo obrigatoriamente o município ele tem que prestar contas de pra onde que foi esse material todo.. mas tem colchões.. tem tudo isso.. grande dificuldade da área de logística.. por exemplo.. a pessoa teve acidente agora.. houve uma/ um problema na cidade.. aí você tem vários desabrigados... as coisas estão molhadas... colchões molhados e tal.. preciso do fornecimento de cobertor e.. e.. colchão... cê esbarra em dois grandes problemas... o volume do colchão.. o volume do colchão você tem.... um caminhão truck desses normais.. desses que você vê.. dá mais de trezendos colchões numa viagem.. mas ele não traz mais nada.. só colchões se for pegar colchão com caminhão não vai vir cesta básica.. não vai vir mais nada.. e pr/ no caso de Eldorado por exemplo trezentos colchões por viagem não abastece a cidade.. não dá vazão..*

***Rodrigo**: e o estoque regional também não tem uma capacidade.. né.. de armazenamento.. né então quando pega um evento desse/ foi bem danoso você não consegue () Registro que tá mais próximo..() você atende até um certo ponto.. dali pra frente tem que ver se.. a Estadual começa a repassar em São Paulo né aí já tem mais esse tempo de deslocamento...*

***Carla**: mais alguma consideração?*

***Charton**: quanto às crianças e os idosos que você falou.. é.. nesse acontecimento é sempre tinha uma assistente social.. e alguém da área da saúde.. né.. procurando atender em prioridade nos abrigos né é.. as crianças e os idosos... né uma atenção especial voltada a essas duas categorias..*

***Carla**: uhum.. tá.. ah e quanto à administração de.. lembra que você falou.. de.. distribuição dos colchões/ das doações tinha alguém no comando que era a assistente social por exemplo...?*

***Janilda**: tinha.. sempre tinha.. () da prefeitura era os caminhões que chegavam pra doação né.. que tudo ela.. ela puxava pra si toda a responsabilidade não tem nem como.. dá colchão.. dá cesta básica pra todo o município.. não é..*

***Carla**: conta com o voluntariado também...*

***Janilda**: conta.. com muitos... porque o nosso.. o nosso município ele é muito extenso.. não é um bairro próximo um do outro.. isso aqui é só um núcleo... tem.. tem bairro que é uns cinquenta quilômetros daqui.. quarenta quilômetros.. então complica bastante.. entendeu.. se a gente não tiver ajuda dos voluntários fica complicado só com funcionário/ só com defesa civil atendendo... lugares que tem que atravessar de barco.. é.. é complicado...*

***Charton**: até porque oitenta por cento dos funcionários da prefeitura.. foram atingidos...*

***Janilda**: o que sobra.. o que sobra é a prefeitura aqui o núcleo da cidade...*

3b. Redes de fornecimento: Como o espaço (igreja, escola) é adaptado para funcionar como abrigo (carteiras escolares se tornam armários, etc?)

3c. Redes de fornecimento: Devido à superpopulação que passa a abrigar o edifício, o que é feito para amenizar o desconforto térmico e outros (tanto a ventilação do edifício como a necessidade de aquecimento)?

***Emilio**: o que aconteceu aqui em Eldorado foi o seguinte.. o período de vida de um abrigo é muito curto.. que nós incentivamos realmente a desmobilizar o mais rápido possível.. porque grande parte dos abrigos foi feito em escolas.. () e começa a perder aula.. isso não pode acontecer.. () e como f/ como por exemplo o aviso de enchente foi a segunda-feira.. como a primeira parte de desmobilização começou a acontecer na quarta-feira com abaixa da água do rio.. então não houve tempo pra se fazer medidas estruturais nos abrigos... então eu acredito que nada de estrutural foi feito... apenas o deslocamento dos...*

***Janilda**: na verdade aqui .. na maioria das enchentes elas... num determinado dia dá dois três dias já chega num pico ela já começa a baixar.. porque a passagem da água na verdade.. a hora que começa a prejudicar as regiões abaixam.. então n;; nunca tivemos um período assim de ter que ficar.. é.. dez dias quinze dias num alojamento ou.. abrigado entendeu... sempre no máximo um ou dois dias limpou a casa o cara volta.. a não ser as casas que foram danificadas né.. que tiveram rachadura ou que o engenheiro não concorda que a pessoa volte... mas na maioria das vezes as pessoas retornam...*

***Carla**: e.. assim.. é.. vocês disseram que fez frio..*

***Emilio**: sim.. fez bastante frio..*

***Carla**: e.. calor não teve esse caso?*

***Emilio**: foi no inverno.. os dias que tavam aqui tava muito frio...*

***Carla**: e aí teve mais doação de cobertor ou.. ou não..?*

***Charton**: a doação maior de cobertores foi pela defesa civil.. porque assim.. as outras entidades ou as próprias pessoas doavam muito poucos cobertores.. e ainda vinham cobertores em mal estado.. então assim a maior parte das doações foi pela defesa civil...*

***Janilda**: na verdade as doações das pessoas de foram um pouco.. eu acho que restritas porque durante o ano que.. né este ano.. aconteceram muitas coisas em outras regiões.. em outros estados... e puts não tem tanto assim pra doar pra.. no caso aconteceu aqui nas.. o desastre no Rio e.. no Paraná e tudo mais.. então as doações vieram mas não vieram.. pra suprir mesmo principalmente com relação a colchão...*

3d. Redes de fornecimento: Como resolvem o problema de comunicação durante o desastre?

***Emilio**: o que que nós fizemos.. a partir do momento que a Defesa Civil do Estado ficou sabendo foi mandado uma equipe pra cá.. eu chefiei aqui.. e nesse momento eu ainda não tinha.. os celulares algumas operadoras funcionavam.. no caso a minha funcionava que era Claro.. a Vivo tava funcionando é isso..?*

***Charton**: a Tim..*

***Emilio**: a Tim.. funcionava.. daí o que que foi feito.. todo caso de catástrofe a gente usa um sistema chamado Célula.. que é.. ele unifica o comando da operação... então eu vim pra cá e nós montamos aqui um.. tipo um "quartel general" que centralizava tudo... mas por exemplo o Charton ele foi fazer uma distribuição numa área que só chegava de barco.. foi da Sabesp?*

***Charton**: da;;;... da polícia ambiental..*

***Emilio**: a polícia ambiental apoiava também.. aí ele ia.. qual a preocupação que se toma... você não vai ter comunicação então você vai estabelecer rotas itinerárias e horários... porque imagina se o pessoal não voltar.. acontece alguma coisa com um dos meios.. isso pode acontecer.. então nós criamos um mapeamento dos bairros e estipulamos mais ou menos a quantidade de habitantes que tinha.. pegamos o pouco de comida que tinha.. de gêneros que se tinha.. distribuímos de forma é.. equitativa e distribuímos através dos barcos da polícia ambiental.. com certeza não foi suficiente.. porque a gente não tinha mais o que dar.. mas ah;;.. como não há comunicação a gente tem que saber exatamente onde cada equipe tá... a equipe que vai pra uma área do.. do Batatal ele tem que ir pro Batatal.. ele não pode ir pro Batatal e parar na Colombo.. porque a gente precisa saber que caso necessite de socorro ou alguma coisa a gente tem como mandar as equipes atrás dali.. então já é um sistema armado baseado mais ou menos num sistema uniforme que é utilizado em São Paulo todo...*

***Carla**: então o negócio foi centralizar..*

***Emilio**: centralizar.. a única forma que a gente poderia assim.. uma alternativa que é viável no nosso entender é o sistema de rádio amadores.. mas aí você vai ter treinamento custo e banda pela Anatel.. uma coisa pra se pensar..*

***Carla**: quanto a quem ficou desalojado.. que saiu de casa.. esse problema na comunicação também teve suas consequências né..*

***Janilda**: não é.. quem ficou em abrigo a gente visitava os abrigos.. as assistentes sociais passavam no abrigo e visitava...*

***Emilio**: também entre eles famílias é difícil..*

***Charton**: até no dia mesmo na terça-feira que as águas tavam bem cheias/ o rio subiu bastante teve pessoas que ficaram nas suas casas.. não tiveram como sair depois e a única comunicação que ele tinha era colocar a cabeça na janela e gritar por socorro.. assim.. eu participei de uma busca dessa e foram várias famílias que permaneceram nas suas casas.. nos sobrados.. achando que a água não ia chegar e a água estava chegando e.. a única comunicação foi essa né.. de gritar pra alguém que estivesse passando de barco né a ouvir pra tá resgatando eles..*

3e. Redes de fornecimento: Quais equipamentos são levados aos abrigos para preparar e conservar refeições? Como e quantas pessoas são servidas por fogão?

***Janilda**: nosso sistema aqui foi o seguinte.. foi colocado nas escolas.. foi.. chamado todas as merendeiras e foi feito um mutirão de comida pro povão todinho.. entendeu porque não tem como cada um acender seu fogo num espaço.. mínimo então o pessoal comia no geral.. foi feito.. foi colocado dois pontos.. que é a creche municipal e a escola do Jaime aqui dentro da cidade mas os bairros também foi colocado nas outras escolas.. infraestrutura tem né.. porque estão acostumados a fazer...*

***Charton**: o Centro Comunitário já tem sua própria cozinha..*

3f. Redes de fornecimento: Como armazenam e distribuem os alimentos, roupas que deverão ser utilizados?

***Charton**: foi montado também como se montou aqui.. né montou/a gente montou na fazenda Itaipava.. é.. um local onde chegava-se todas as doações e eu fiquei responsável nessa parte.. chegava todos os alimentos.. a gente separava por qualidade.. porque muitos era alimentos vencidos.. né a gente deixava separado e conforme a demanda que precisava... as assistentes sociais iam visitando os lugares.. mandava- se uma lista pra gente.. a gente preparava essas cestas básicas e distribuía... mesmo caso com roupas... com os cobertores e com os colchões.. a gente centralizava*

***Janilda**: as roupas elas têm que ser triadas.. na verdade tudo tem que ser triado...*

***Charton**: tudo foi triado..*

***Janilda**: não tem como...*

***Carla**: e tudo muito rápido.. com muita gente..*

***Charton**: muita gente.. muita gente..*

***Janilda**: porque assim o povo necessitava () deles.. tem uns que não entendiam que era doação.. que vinha aos poucos.. não vinha tudo de uma vez.. e vinha muitas coisas estragadas... vinha muitas coisas vencidas.. vinha muitas roupas sujas.. entendeu.. isso tem que ser triado..*

***Charton**: e ao mesmo tempo as pessoas estavam é... estavam dispensando das suas casas coisas que não prestavam e mandando pra doação.. então muita coisa veio assim que.. sem condições de uso nas roupas e na parte de alimento também.. sem condições.. o arroz vencido há.. quase um ano.. chegou algumas doações de algumas cidades que supermercados doaram... a gente ficava muito feliz quando chegava os fardos fechados.. é xampu.. desodorante.. é.. fraldas.. e quando a gente ia fazer a triagem os mesmos estavam todos vencidos.. essa foi a forma pra poder triar isso.. se viesse de um lugar e as pessoas iam pegar pra distribuir... o que tava acontecendo.. ia sair tudo do jeito que tava... porque é as pessoas desesperadas com fome.. você naquele desespero pra tentar ajudar.. de repente você pegava um fardo de arroz que tava vencido e dava pra pessoa... aí a pessoa vinha diante de toda essa catástrofe reclamar que o feijão/ que o arroz tava vencido.. então foi até uma.. uma idéia do tentente de montar essa base de distribuição e graças a Deus tá dando certo..*

***Carla**: é.. mais alguma coisa...?*

***Emilio**: o que pode ajudar bastante no caso de se fazer um plano/ alguma coisa assim.. é.. a mídia é muito importante... só que os caras querem fazer drama em vez de querer ajudar.. é/ o que poderia ser feito.. o que ajudou demais por exemplo foi o exemplo da Igreja.. Adventista.. o exemplo da Igreja Adventista era pra ser seguido.. eles pegavam.. recolhiam nos centros de culto deles.. faziam uma triagem prévia e mandavam... a roupa que vinha deles.. a comida que vinha deles.. os produtos que vinham deles a gente já sabia que era de qualidade.. é lógico que a gente olhava.. o meu amigo Charton olhava.. mas éh;;... perfeito a ação deles é perfeita... porque senão você fica com muita coisa pra descartar.. e você imagina o que que é você descartar.. você pega o que você falou o saco de arroz vencido.. aí você vai jogar fora.. uma pessoa que vê aquilo imagina como é que entra essa mensagem no cérebro dessa pessoa.. "eles estão jogando fora comida"..*

***Janilda**: "em vez de dar pro povo"..*

***Emilio**: é "o povo fica sem comida".. é normal.. não é só aqui que isso acontece não.. aconteceu no Haiti.. aconteceu em Alagoas.. aconteceu em Santa Catarina.. é a mesma história o pessoal acha que doação é lixo.. ah tem uma cabeça de boneca não sei o que fazer.. pega a cabeça põe no meio lá e manda..*

***Janilda**: sapato sem par..*

***Emilio**: brinquedo com tinta tóxica...*

***Janilda**: muita coisa suja.. estragada..*

***Charton**: no caso da Adventista o que eles fizeram com as roupas.. eles receberam as doações.. eles triaram.. eles lavaram.. passaram e separaram por tamanho... então assim.. quando chegou pra gente.. meu Deus.. foi..*

***Janilda**: facilitou muito..*

***Charton**: facilitou demais..*

3g. Redes de fornecimento: Como suprem as necessidades extras de sanitários, chuveiros e lavatórios? São quantas pessoas por equipamento?

***Emilio**: tinha chuveiro?*

***Janilda**: tinha.. mas não tinha água né.. a nossa sorte aqui dentro de Eldorado é que são poucos dias.. às vezes o cara entra hoje mas daqui a dois três dias no máximo ele já volta pra casa.. então.. e nos lugares que eles ficam tipo escola.. é uma quantidade grande de água né.. então demora um pouco pra acabar água.. então né.. na medida do possível é.. "limpo".. é claro que a pessoa tem que colaborar.. tem um ou outro que não colaboram mas na medida do possível..*

3h. Redes de fornecimento: Oferecem lavanderias ou similares? Caso não, quantas pessoas usam um único tanque?

***Janilda**: era assim.. como a gente/ nós vamos voltar naquele caso lá.. como não fica assim muito tempo.. dez quinze dias então a gente não usa..*

***Emilio**: houve necessidade.. as pessoas que saíam de última hora elas saíam de casa com roupa suja.. a gente viu gente com roupa suja... só que tem que lembrar que a água da cidade acabou.. então não havia água na cidade pra poder lavar roupa.. só vinha aquela água turva.. então não tinha muito o que fazer.. mesmo se houvesse vários tanques não tinha muito o que fazer..*

3i. Redes de fornecimento: Há qualificação de espaço mínimo por desabrigado ou família?

***Emilio**: é existe um padrão da Cruz Vermelha tradicional.. então fala inclusive quantos fogões por pessoa.. quantos chuveiros por habitante do abrigo.. dependendo do caráter do abrigo.. mas aqui o abrigo ele é improvisado.. ele não é feito.. então é espaço e demanda.. é o que dava pra fazer.. existe uma diferença muito muito grande entre desalojado e desabrigado.. desalojado é aquele que saiu da sua casa por causa do evento.. e desabrigado é aquele que não tem pra onde ir.. então os desalojados vão pra casa de parentes.. de amigos.. e ficam ali.. a gente fornece uma cesta básica... alguma coisa pra ajudar.. os desabrigados que vão pros abrigos de verdade eles são uma minoria... então teve dez mil pessoas atingidas.. desses dez mil duzentas pessoas eram desabrigadas.. e também por um período bem curto também.. é o período da baixa da água e limpeza de suas casas..*

4. Investimentos a longo prazo/ medidas de alto custo: Quais orçamentos já existem ou estão sendo elaborados para compra de suprimentos e equipamentos para abrigos, estocagem de barracas ou kits de sobrevivência, reconstrução, etc?

***Emilio**: isso aí vai depender do plano municipal.. do município.. mas do Estado eu posso dizer que a gente trabalha com o sistema de águias que é o sistema lá de.. oito meia meia meia da rede de licitações.. que tudo tem que ser prestado conta como tem que ser mesmo.. e nós mantemos algumas atas de distribuição abertas.. então por exemplo.. a demanda de colchão foi mil e trezentos colchões do estoque quando aconteceu.. só que aconteceu em seis ou sete cidades.. não lembro mais.. então à medida que pulverizou nós já ligamos e já mandamos chegar mais estoques.. o nosso estoque é regulado também por períodos.. a gente sabe que o período de chuva vai precisar de arrumar cesta.. o período que aconteceu a nossa enchente aqui o estoque do estado de São Paulo tinha uns/ eu não lembro do número exato mas era por volta de apenas quinhentas cestas básicas.. cada cesta básica*

calculada pra necessidade de quinze dias.. bem alimentada.. de uma família de quatro pessoas.. nós abrimos cestas.. só pra Eldorado nós tivemos novecentos e sessenta e poucas cestas.. só Eldorado mas no total deve ter saído umas duas mil cestas do estoque..

***Carla**: e o fornecimento dessas coisas que vocês estocam..*

***Emilio**: o fornecimento.. há necessidade de comprovar a quantidade pra evitá;;...é..*

***Carla**: mas vem de quem?*

***Emilio**: então é a ata de registro de preço.. nós compramos.. nós temos um padrão.. é assim a nossa cesta ela chega a ser disputada.. porque como o Charton falou antes.. quando começou o calor ali a gente precisava alimentar sem ter com que da/ sem ter alimento.. então era umas coisas mas murchas.. era um pouco de arroz.. era um pouquinho disso e daquilo.. a nossa cesta ela vem arroz.. sopão fez sucesso muito grande aqui.. vem macarrão vem óleo vem um conjunto de coisas que realmente não mantém uma pessoa.. é uma cesta até grande.. como cê sabe tem cesta um.. dois.. três.. a nossa é a máxima.. então essa cesta ela é... é.. nós abrimos uma licitação como tem que ser.. as empresas apresentam seus preços.. nós adquirimos algumas e nós temos um orçamento em aberto pra poder adquirir à medida do ano/ ao longo do ano.. vai precisando a gente vai adquirindo até um montante.. mas é bastante coisa.. então nós compramos.. mas pra distribuir essa cesta tem que ter o cadastramento da família.. sem cadastramento a gente não dá.. pra evitar que ela receba duas vezes né.. e pra evitar que alguém fique sem porque alguém recebeu duas vezes..*

Transcrição da gravação de entrevista ao morador afetado:

O que poderia ser feito para melhorar o futuro de futuros abrigos?

***Reinaldo**: Olha a questão de abrigo eu não vou.. no finalmente.. eu vou do começo.. eu falo pra você.. a situação era corrigir o que está mal feito.. pra evitar essas situações.. entendeu.. então quando o pessoal agora vê votação no senado sobre o meio ambiente eu sempre enxerguei.. é.. o povo.. uma vez o Mário Covas esteve aqui dizendo que a gente mora igualzinho sapo na beira do rio.. e a gente precisa muito saber que antigamente não tinha água encanada.. não tinha transporte.. o pessoal morava na beira do rio porque aqui tinha água pra casa/ pra higiene pra casa.. principalmente/ as plantações também na beira do rio.. hoje em dia a minha casa fica toda embaixo do rio... eu perdi tudo na enchente.. () se por acaso o governo federal fizesse essa barragem / essa represa e pusessem pessoas assim que.. viessem de faculdade.. estudassem a situação do Ribeira.. porque a situação por exemplo da.. da época das piracemas.. fizessem tudo isso aí.. fizessem a barragem e à época certa mandasse desassorear esse rio.. fazer dragagem.. deixa esse povo chegar esse pedregulho.. vai pro COSIPA.. faz aonde for.. porque esse rio quando eu era criança eu lembro de navio passando aqui.. batendo na porta.. então eu vi que a situação hoje em dia aqui tá pior.. qualquer água que vai vem em cima de uma vez porque assoreou inteirinha.. dizem que quem plantou na beira do rio que foi o culpado mas não foi.. o culpado disso não foi ele.. se você enxergar bem você vê.. quando fizeram essa BR-116.. () em sessenta e dois eu era recém casado.. eu e minha mulher fomo trabalhar.. eu fui.. ela não era formada.. eu fui trabalhar na escola.. formar essa escola.. mais de trinta e dois alunos.. eu morava numa casa de pau-a-pique e o fogão não era fogão a gás.. eu tinha que soprar todo dia o fogo pra acender.. e a água eu precisava procurar um poço.. e quando fizeram essa BR e cortaram toda essa.. esse vácuo.. eles não fizeram plantações de grama nos taludes.. então quando chovia todo esse barro vinha pro rio Jacupiranga.. então você não tinha nem água pra beber... tudo assoreado.. não foi só essa vez.. quando fizeram a estrada daqui a Iporanga eles cortaram a barranca do rio também.. tudo isso aqui.. sem fazer também plantações na beira da estrada pra poder.. então esse barro tudo veio/ desbarrancou.. então não foi a plantação de banana que acabou com isso aí não.. depois dessa estrada fizeram todas as estradas () quase perto de ribeirão.. a estrada que vem por exemplo de lá de Piedade que desce até Juquiá também foi barranco do rio.. cê pode prestar atenção nisso.. então esse/ essa/ esse corte de estrada com certa programação mal feita.. sem plantar grama.. isso assoreou o rio.. não tem retorno se você não fizer alguma coisa por isso..*

quer dizer.. biólogos que vêm estudar os animais/ os peixes e tudo e as plantas.. que procurem fazer algo numa situação dessas.. eu corri da enchente.. graças a Deus eu tinha uma cunhada que eu tomo conta da casa dela/ ela mora em Curitiba.. eu vim morar na casa da minha cunhada.. mas eu perdi tudo.. guarda roupa.. roupa.. é maquina de lavar e secadora.. é.. minha mulher já tá com sessenta e cinco anos e eu já tenho setenta e cinco..

***Carla**: você mora em que região?*

***Reinaldo**: eu moro aqui na barra/ perto da ponte... então o que acontece.. eu tenho três filhos.. meus filhos tão doido pra me tirar daqui.. agora cê faça uma idéia.. vivi uma vida aqui.. ajudei a formar essa escola aqui.. ajudei a formar ali.. porque em cinquenta e sete quando me formei/ eu me formei na região de Piracicaba.. então a gente enxerga uma coisa diferente.. sabe.. naquele tempo os pais eram contra é.. mulher estudar.. porque senão.. como é que se diz.. ia trabalhar de escrava pro marido.. () o marido podia ficar doente.. ela podia ficar viúva.. o marido podia ganhar neta e ia ter que cuidar.. entendeu.. quando nós formamos em ginásio.. naquele tempo vinha.. vinha inspetor federal pra verificar.. vários anos.. e o prefeito era contra o Ademar de Barros.. então ele foi convidado a aderir a Ademar de Barros contanto que saísse o decreto.. a turma criticou o prefeito.. eu não critiquei porque ele enxergou longe.. ao não fazer isso ele conseguiu o decreto e nós abrimos ginásio.. quer dizer eu era professor primário e eu tive que dar aula de português.. de matemática.. depois me formei.. fiz faculdade depois.. e nós todos professor primário ajudar.. o pessoal hoje que trabalha na divulgação/ trabalho de divulgação passaram pras nossas mãos.. entendeu.. então o sujeito tem que enxergar um pouquinho longe.. esse pessoal de quilombo.. me perdoe.. viver de cesta básica.. tão construindo/ cê sabe/ tão construindo uma escola.. é.. como se diz.. industrial lá em cima.. eu quando fui criar a escola normal aqui nós fizemos levantamento pra ver onde comportava a mão de obra de quem estava trabalhando.. aonde vai essa mão de obra?.. pra quem que vão trabalhar?.. será que aí não tá havendo uma ong aí que tá ganhando dinheiro em cima disso?.. porque cê vê.. mandaram pra lá agora.. estrada.. moto.. caminhão tudo sem nada.. então eu não concordo com isso.. eu faço parte da Santa Casa.. eu me afastei.. me afastei porque há mais ou menos vinte anos pra cá.. o PNOT mandou um material aqui pra Santa Casa.. e eu tinha um filho que nasceu naquela época..e pagava a faculdade do meu filho que fez medicina em Teresópolis.. quando ele viu aí o material ele virou pra mim e falou pai.. lá no hospital das Clínicas de Teresópolis não tem esse material.. e aqui não tem elemento pra trabalhar com ele.. então a gente vê que ali houve/ ele já me abriu o olho que houve uma sacanagem muito grande.. o material era importado de Israel.. todo esse material era de primeira e hoje em dia tem hospital que não tem.. veio pra cá por quê.. porque aqui o povo ignorante não enxergava.. ninguém ia fiscalizar quanto valia.. quanto compensava.. e o que acontece.. passando mais ou menos uns seis ou sete anos todo esse material sumiu daqui.. agora.. não foi pra nenhum hospital.. ninguém prova nada mas deve tá na mão de alguém aquilo lá.. então eu enxergo que a única solução pro vale do Ribeira seria a construção dessa barragem.. dessa represa.. estudo do Ribeira.. desassorear o rio Ribeira.. estudar a piracema e vê.. cê vê eles soltaram aqui peixes que hoje em dia tá acabando com a.. com a fauna natural daqui.. soltaram o tal do bagre africano.. o dourado.. o pacu.. você procura um peixe aqui.. o lambari.. o acará.. o sambaru.. () o cascudo.. sumiram.. porque a ova do peixe é comida por esses peixes que são predadores também.. então aí eu acho que o Estado.. eu não sei se é o Governo Federal.. o Estado não vê. o estado não investiu nessa situações. então é um prejuízo muito grande para o vale do Ribeira.. seu nome é?*

***Carla**: Carla..*

***Reinaldo**: Carla.. então você pega um moleque de dezesseis dezessete anos.. se por acaso ele não tiver costa quente pra levar pra região de Campinas ou Rio Grande do Sul ou então Santa Catarina pra trabalhar ele fica aqui encostado no balcão aprenden/ viciando com álcool e com droga.. porque não tem onde trabalhar.. porque Registro já é diferente.. já a BR-116 abriu e tem circulação de mercadoria.. eu tô aposentado há vinte e três anos já como diretor de escola.. aqui não é bom pra aposentado.. porque um aposentado aqui ele paga mais caro.. quando eu vou pra Curitiba eu vejo a diferença de preço.. porque não existe circulação de mercadoria e cê paga mais caro aquilo que o comércio usa.. então precisa enxergar isso aí.. e a maior parte eu não sei.. eu não discuto. não vou bater nisso.. mas eu acho que a única situação é o Governo Federal e do Estado investir nessa represa.. fazer essa represa e*

um estudo de toda essa situação.. mandar.. não deixar plantar muito preto do rio mais.. né.. e essas estradas que estão desbarrancando.. você foi até lá na Caverna do Diabo não foi né?

***Carla**: não..*

***Reinaldo**: se for pra lá você vê que desbarranca tudo aquilo ali.. não é.. porque foi uma coisa.. como se diz..*

***Carla**: é e como foi.. é.. a experiência do senhor.. assim.. o senhor falou que perdeu tudo.. encheu e a estrutura da casa..*

***Reinaldo**: não a estrutura da casa não aconteceu nada.. a minha casa é muito bem feita sabe.. daqueles tijolo adobe grande.. e eu antes na outra enchente eu já tinha mexido na casa e fiz.. como se diz.. é.. pilares de cimento.. então foi bem feito e também é.. ela foi coberta com cimento né.. ela ficou inclusive ah;;...eu.. eu.. tava pingando e eu fui obrigado a fazer o telhado.. dessa vez eu fui obrigado.. nós fomo obrigado a revestir a casa inteirinha de novo..*

***Carla**: e dessa vez como o senhor perdeu os móveis..?*

***Reinaldo**: perdi todos os móveis..*

***Carla**: é..como é que tá em casa..?*

***Reinaldo**: é lá casa tá o seguinte.. em vez de comprar móveis eu.. o que eu tinha de reserva.. eu com minha mulher.. nós fizemos é.. armário/ guarda roupa de alvenaria.. já tá tudo com revestimento com.. comprei ardósia pra separar.. tá tudo arrumado sabe.. dessa situação porque da próxima vez que vier eu saco toda a minha roupa e levo.. se eu vir algum carro... que dessa vez não teve condução pra tirar é.. nem geladeira.. nem máquina de lavar.. entendeu.. a minha máquina de lavar estragou.. comprei só um tanquinho.. e tem umas VAP eu lavava a roupa/ o barro e minha mulher lavando toda a roupa pra não perder.. nessa situação.. e eu não recebi uma ajuda de ninguém.. não fui pedir.. sabe.. meus filhos vieram aqui.. queriam me levar embora.. são três tem dois que moram em Curitiba e um mora em Guarulhos.. mas a gente.. eu não..*

***Carla**: o senhor já vivenciou outras enchentes..? perdeu já outras coisas..?*

***Reinaldo**: já... eu já vivenciei.. em trinta e seis quando eu nasci.. trinta e seis..trinta e sete houve uma enchente aqui e eu sei que.. a turma conta que eu tava engatinhando quando a água entrou dentro da casa do meu pai.. entendeu..? em noventa e sete foi feio.. inclusive cobriu minha casa.. cobriu um metro e oitenta e oito.. um metro e oitenta né.. de casa.. diziam na rua que tava somente doze metros.. doze metros não entra na minha casa.. e ela passou.. quer dizer.. a Defesa Civil nesse ponto ela não.. e nem/ mesmo que tivesse avisado.. por exemplo.. Carla.. é.. não tinha caminhão pra carregar o que você tinha.. não existia.. tá.. eu sou dessa opinião.. não sei se estava só na Defesa Civil.. não sei...*

Questionário para análise de vulnerabilidade estrutural e vulnerabilidade humana

Após a sessão de entrevista gravada, os moradores que já tiveram suas residências prejudicadas pelas águas receberam um questionário que determinava diferentes graus de vulnerabilidade das estruturas destas, a partir de informações sobre o tipo de revestimento e pisos, nível do primeiro piso, número de andares, entre outros.

O modelo entregue para o preenchimento foi:

Nome _____ Ocupação _____

Questionário para análise de vulnerabilidade estrutural

Critérios	Classes	Notas
Tipo de habitação (andares)	☐-1(rebaixada) ☐0: térrea ☐1 ou mais (sobrado) ☐Casas-móveis	
Nível do 1°piso habitado	☐TN :Terreno natural ☐< 0,50 cm ☐> 0,50 cm ☐Sem dados (SD)	
Revestimento exterior (com cerâmica, cimento, pedra): Qual o material da fachada? *R:* _____	☐Sim ☐Não ☐ Sem dados (SD)	
Revestimento dos paredes interiores (tinta impermeável): Quais cômodos tem azulejos ou pinturas resistentes à ação da água? *R:*_____	☐Todos os andares ☐Mais da metade ☐Metade ☐Menos da metade ☐Nenhum cômodo ☐ Sem dados (SD)	
Revestimento dos pisos (com proteção resistente à água): Qual o material dos pisos? *R:*_____ _____	☐Todos os cômodos ☐Mais da metade ☐Metade ☐Menos da metade ☐Nenhum cômodo ☐ Sem dados (SD)	
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor, com relação à cota superior da máxima **enchente** já registrada? Qual a altura da marca d´água nas paredes internas (1,30m, etc.)? *R:*	☐acima ☐abaixo ☐Sem dados (SD)	
Qual a localização da habitação? Qual a inclinação ou há quantos metros do rio? *R:*_____	☐ terreno inclinado ☐ próximo ao rio ☐ Nenhum risco	

Questionário para análise de vulnerabilidade humana

Critérios	Classes	Notas
Número de pessoas que moram na mesma casa?	☐1 ☐2 a 4 ☐5 ou mais	
Presença de pessoas com necessidades especiais *Crianças* *Pessoas com mobilidade reduzida*	☐ Não ☐Sim ☐Sim	
Evacuação e saídas de emergência Tem mezanino ou janelas de sótão? *Qual a outra saída de emergência que utiliza na enchente? R:*	☐ Sim ☐Não	
Consciência da exposição ao risco *Ex: Você acha que vive em uma zona inundável?*	☐ Sim ☐Não	

Conhecimento do risco *Ex: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?*	☐ Sim ☐Não	
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção *Ex: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?*	☐ Sim ☐Não	

Assim, individualmente foram analisados os perfis de moradia:

Perfil 1- Cleide Donizeti de Oliveira

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Informação adicional
Tipo de habitação	-1: rebaixada	2		
Nível do 1º piso habitado	Terreno natural	2		
Revestimento exterior	Não	1	Qual o material da fachada?	Cimento
Revestimento das paredes interiores	Nenhum cômodo	2	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Banheiro, cozinha
Revestimento dos pisos	Todos os cômodos	-2	Qual o material dos pisos?	Cerâmica
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Acima	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	Sem dados
Qual a localização da habitação?	Próximo ao rio	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	Sem dados
Número de pessoas na casa	1	1		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Sim	0		Através do muro que faz divisa com o vizinho
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Sim	0		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 5 2		

Perfil 2- Cristiane Marcela de Sousa

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	-1: rebaixada	2		
Nível do 1º piso habitado	>0,50cm	-1		
Revestimento exterior	Sim	0	Qual o material da fachada?	Fachada de cimento
Revestimento das paredes interiores	Todos os andares	-2	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Cerâmica na cozinha
Revestimento dos pisos	Todos os cômodos	-2	Qual o material dos pisos?	Cerâmica no piso da casa toda
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	acima	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	1 palmo abaixo do teto
Qual a localização da habitação?	Próximo ao rio	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	+/- 100m
Número de pessoas na casa	5	3		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Não	1		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Sim	0		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	não	1		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 -3 5		

Perfil 3- Elisi de Oliveira Melo

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	0: térrea	1		
Nível do 1º piso habitado	>0,50cm	-1		
Revestimento exterior	Sim	0	Qual o material da fachada?	Cimento
Revestimento das paredes interiores	Nenhum cômodo	2	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Banheiro
Revestimento dos pisos	Sem dados	0	Qual o material dos pisos?	
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Acima	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	1,50m
Qual a localização da habitação?	Sem dados	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	500m
Número de pessoas na casa	5 ou mais	3		
Pessoas com necessidades especiais	Sim	3		
Evacuação e saídas de emergência	não	1		Pular muro de vizinhos
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Sim	0		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 2 8		

Perfil 4- João Evangelista Corrêa

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	0: térrea	1		
Nível do 1º piso habitado	Terreno natural	2		
Revestimento exterior	Sim	0	Qual o material da fachada?	Cimento
Revestimento das paredes interiores	Mais da metade	-1	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Cozinha
Revestimento dos pisos	Mais da metade	-1	Qual o material dos pisos?	Cerâmica
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Abaixo	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	2,00m
Qual a localização da habitação?	Sem dados	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	800m
Número de pessoas na casa	2 a 4	2		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Sim	0		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Não	1		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 1 4		

Perfil 5

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	0:térrea	1		
Nível do 1º piso habitado	>0,50cm	-1		
Revestimento exterior	Sim	0	Qual o material da fachada?	Alvenaria (látex)
Revestimento das paredes interiores	Nenhum cômodo	2	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Sem dados
Revestimento dos pisos	Todos os cômodos	-2	Qual o material dos pisos?	Sem dados
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Abaixo	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	50m
Qual a localização da habitação?	Próximo ao rio	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	Sem dados
Número de pessoas na casa	2	2		
Pessoas com necessidades especiais	Sem dados	-		
Evacuação e saídas de emergência	Não	1		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Sim	1		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 0 5		

Perfil 6- Ricardo Chimichaque

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	1 ou mais	-1		
Nível do 1º piso habitado	>0,50cm	-1		
Revestimento exterior	Sem dados	0	Qual o material da fachada?	pintura
Revestimento das paredes interiores	Sem dados	0	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	pintura
Revestimento dos pisos	Sem dados	0	Qual o material dos pisos?	Lajota-cerâmica
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Sem dados	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	1,20m; tomadas elétricas baixas
Qual a localização da habitação?	Próximo ao rio	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	200m
Número de pessoas na casa	5	3		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Sim	0		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Não	1		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	sim	0		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 0 5		

Pefil 7- Anônimo

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	Casa-móvel	3		
Nível do 1º piso habitado	Sem dados	0		
Revestimento exterior	Sem dados	0	Qual o material da fachada?	Cimento
Revestimento das paredes interiores	Todos os andares	-2	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Todos os cômodos são com tinta, exceto o banheiro, com azulejos
Revestimento dos pisos	Nenhum cômodo	2	Qual o material dos pisos?	Não; vermelhão
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Abaixo	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	1,35m
Qual a localização da habitação?	Sem dados	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	Sem dados
Número de pessoas na casa	3	2		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Sim	0		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Não	1		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 3 4		

Pefil 8

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	0: térrea	1		
Nível do 1º piso habitado	Terreno natural	2		
Revestimento exterior	Sim	0	Qual o material da fachada?	Sem dados
Revestimento das paredes interiores	Menos da metade	1	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Cozinha e banheiro
Revestimento dos pisos	Todos os cômodos	-2	Qual o material dos pisos?	Sem dados
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Abaixo	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	Sem dados
Qual a localização da habitação?	Próximo ao rio	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	Sem dados
Número de pessoas na casa	2 a 4	2		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Não	1		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Não	1		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Sim	0		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 2 5		

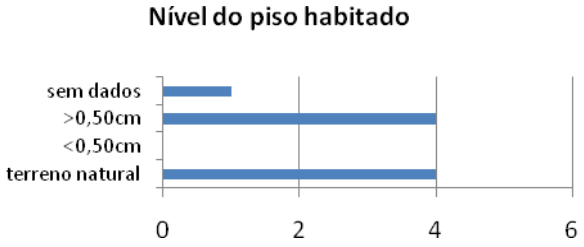
Pefil 9- Anônimo

Critérios	Classe assinalada	Notas	Questão aberta	Resposta
Tipo de habitação	0:térrea	1		
Nível do 1º piso habitado	Terreno natural	2		
Revestimento exterior	Não	1	Qual o material da fachada?	Sem dados
Revestimento das paredes interiores	Sem dados	0	Quais cômodos têm azulejos ou pinturas resistentes à ação da água?	Sem dados
Revestimento dos pisos	Sem dados	0	Qual o material dos pisos?	Sem dados
Qual a localização das tomadas elétricas e disjuntor com relação à cota superior da máxima enchente já registrada?	Sem dados	-	Qual a altura da marca d'água nas paredes internas?	Sem dados
Qual a localização da habitação?	Nenhum risco	-	Qual a inclinação ou a quantos metros do rio?	Sem dados
Número de pessoas na casa	5 ou mais	3		
Pessoas com necessidades especiais	Não	0		
Evacuação e saídas de emergência	Não	1		
Consciência da exposição ao risco (Ex.: você acha que vive em uma zona inundável?)	Sim	0		
Conhecimento do risco (Ex.: Você já foi informado alguma vez sobre a situação da sua habitação?)	Não	1		
Conhecimento dos meios de prevenção e proteção (Ex.: Conhece meios de prevenção e atitudes a tomar quando ocorrer uma inundação?)	Não	1		
Total Vulnerabilidade estrutural Vulnerabilidade humana		 4 6		

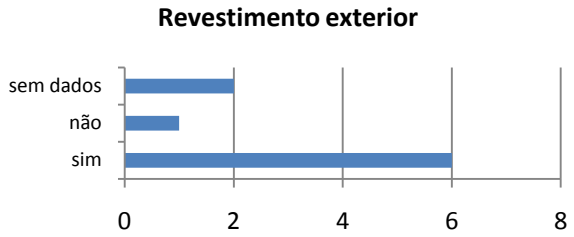
Seguem abaixo as tabelas de relação geral dos tipos de moradia:

Critério	Classes	nº assinalado
Tipo de habitação	-1 (rebaixada)	1
	0 (térrea)	**5**
	1 ou mais	1
	Casa móvel	1

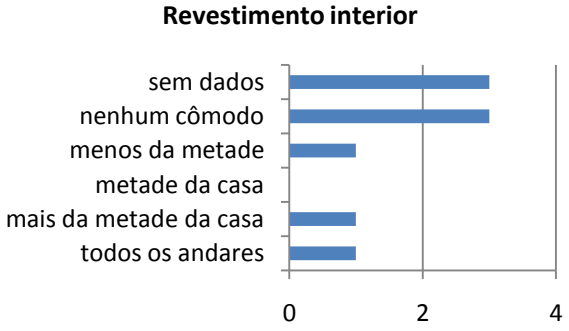
Critério	Classes	nº assinalado
Nível do 1º piso	Terreno natural	**4**
	<0,50cm	0
	>0,50cm	**4**
	Sem dados	1



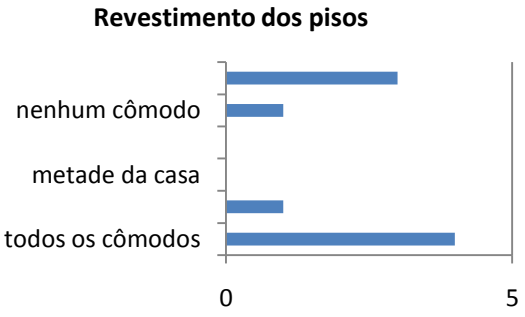
Critério	Classes	nº assinalado
Revestimento exterior (com cerâmica, cimento, pedra..)	Sim	**6**
	Não	1
	Sem dados	2



Critério	Classes	nº assinalado
Revestimento interior (tinta impermeável)	Todos os andares	1
	Mais da metade	1
	Metade	0
	Menos da metade	1
	Nenhum	**3**
	Sem dados	**3**



Critério	Classes	nº assinalado
Revestimento de pisos (com proteção resistente á água)	Todos os cômodos	**4**
	Mais da metade	1
	Metade	0
	Menos da metade	0
	Nenhum	1
	Sem dados	3



6.4 Sessão 4. **Gravação de vídeo. O que pode ser feito para melhorar o uso de futuros abrigos?**

Narrativa em torno da experiência pretérita de desajolamento e desabrigo e suas recomendações caso novos abrigos tenham que ser montados.

Gravação de vídeo. O que pode ser feito para melhorar o uso de futuros abrigos?

Procedimento: Documentação em vídeo/ Narração. Reflexão em voz alta sobre o tema do que pode ser feito para melhorar o uso de futuros abrigos. **Tempo para a atividade:** 30 min.

Uma pessoa por vez declara para o vídeo: O que significou sua experiência como desabrigado? Quais recomendações gostaria de sugerir?

Realização Profª Drª Lara Leite Barbosa
Transcrição efetuada pela aluna Cintia Sayuri Sawada

Cristiane Marcela de Souza, doméstica
Emilio Ornelas Martins. Divisão de Gerenciamento. CEDEC
Ricardo Chimichaque de Siqueira, lavrador
Pedro Luiz Lara Ribeiro, autônomo
Charton V. Gomes. Fundo Social de Solidariedade
M1: moradora 1 (com blusa regata colorida de bolinhas)
M3: morador 3 (com camisa polo azul)

Transcrição do depoimento dos moradores:

***Lara**: o que pode ser feito, então, para melhorar o uso de futuros abrigos ou da situação da cidade de Eldorado para enfrentar futuras enchentes?*

***Ricardo**: eh::: eu acho que a população de Eldorado não muda de Eldorado... e vai continuar com o mesmo problema, então tem que aprender a conviver com o problema... como conviver com o problema? criando maneiras, eh::: infraesturura... barracões na área alta, com banheiros, cozinha, para que a pessoa que tenha a sua mudança pra tirar de casa, não fique no medo de sair por não tem aonde por... vai por no meio da rua, na chuva? não tem (lógica)... então ela fica esperando, daqui a pouco não dá mais tempo porque a água já chegou e ela acaba perdendo tudo... então você tendo barracões na área alta, pra eventuais problemas, ela consegue tirar as coisas e não perde nada... outra coisa é criar maneiras, como? avisar a cidade onde pega dez metros, onze metros, com tinta vermelha, tinta azul... sai/ eh::: nós sabemos que aí em Iporanga, a cota de lá é três metros a mais que aqui... lá deu dez metros, é treze metros em Eldorado... então todo mundo monitorando os postos da cidade/ as pessoas/ vai dar enchente de dez metros, sai todas as pessoas até doze metros retiram as coisas, porque daí tem caminhões pra todo mundo, organizado... agora, se for dessa maneira/ ao contrário, as pessoas vão querer sair todas numa hora só, não vai ter caminhões o suficiente pra todo mundo, entendeu? outra coisa, é a elevatória da ponte de Eldorado, da cabeceira dela... pra socorro do pessoal do outro lado do rio... também, construções de barracões do lado de lá, porque lá eles também perderam tudo... não tinha um caminhão, não tinha um barco... foram socorridas pessoas com caixas de isopor, e a população perdeu tudo... então eu acho que uma draga no rio Ribeira, de um certo ponto pra cima, pra desassorear o rio, seria uma das soluções para Eldorado... fora as barragens, que seria outra opção... entendeu? eh::: acho que o que eu tinha pra falar era isso aí...*

***Cristiane**: (...) pra estar atendendo essas pessoas... ter equipes formadas tanto nessa parte que a gente teve de alimentação, que a gente teve esse preparo, né? que são merendeiras da prefeitura, funcionárias que estiveram a disposição o período todo... mas não só nessa parte de alimentação, na parte de limpeza das casas para que essas pessoas possam retornar... e assim, pra retirar, na hora que a água vem, está sabendo que vem enchente, então já tem uma equipe preparada pra como tirar a mobília dessas pessoas, como guardar cada material... roupas têm que ser guardadas de um jeito, louças têm que ser de outro, né? tirar o guarda-roupas de um jeito, porque conforme eles acabam quebrando algumas coisas... então, pessoas preparadas pra esse momento, pra estarem auxiliando nesse momento... ter equipes prontas pra essas ocasiões...*

***Lara**: obrigada...*

Corte na gravação

***M1**: grana e água... que acho que é o que falta... porque acho que sem energia tudo bem, passa... mas sem aquela água, nem que seja um banho frio, precisa ser tomado, né? e até mesmo pra higiene, por causa do banheiro, né? sem água é bem (porco), só essa questão de água que tinha que ser bem grande...*

***Lara**: boa idéia, porque até é relatado que os sanitários tinham água fria, né? então só um sistema de também de aquecimento da água pro banho ser quente... não adianta/ ah::: tinha chuveiro pra todo mundo, mas não adianta nada o chuveiro ser quente, mas tinha que ser banho frio? então, né... importante...*

***M1**: eh::: tinha água demais, mas suja, né? mas água pro banho não tem, então reservatório grande que desse pra estar limpando esses banheiros e dar condições a esses banheiros...*

***Lara**: até seria mais interessante um sistema de filtragem e até de reutilização dessa água, mas de uma maneira limpa, né? com tanta água, falta água? dar um jeito de purificar essa água e reaproveitar... alguma coisa que você quer dizer? você? ((para outros moradores))*

***M3**: acho que já falaram tudo ali...*

***Lara**: você aqui também? ((para o morador Pedro))*

***Pedro**: no meu caso, como ela falou, no caso da nossa situação, né? como o pessoa de risco mais (elevado), já é avisado com mais antecedência... no nosso caso também, preparar pessoas pra nos alertar, porque a gente nunca espera... então por nosso caso a gente perdeu muitas coisas porque (ficamos no) "não vai chegar, não vai chegar"... então preparar profissionais pra falar "não, vai chegar... sai"... e preparar pessoas pra virem estar nos ajudando, né? tanto pra pessoas de risco, quanto pra pessoas que "não tem risco", como foi a nossa situação... que eu achava que não ia ter risco e no final acaba que ficamos ilhados que nem ela falou... então preparar pessoas preparadas pra elas né, no caso, pessoas que foram atingidas, tanto no Capão Redondo, no Zé Maria, quanto o pessoal que mora próximo ao rio... também o pessoal que mora no começo da cidade ou fora da cidade, que às vezes são esquecidos... a gente que acaba sendo um dado, que muita gente pergunta... então pessoas nesse sentido, pra nos atender nas horas difíceis...*

***Cristiane**: eu acho que as pessoas que moram nessas áreas de risco, elas também deveriam assim... falou que vai chegar a dez... "chega na porta da sua casa? não... ah, então eu não vou sair"... se há um contratempo, como houve, que falou que ia a dez e chegou a catorze... não, eu não saio da minha casa... eu acho que é preferível você prevenir, do que remediar... e foi o que aconteceu com a maioria... sabe que é local que é atingido, mesmo que a casa seja um pouquinho mais alta, saia porque você não vai ficar ilhado, não corre risco... é melhor você voltar pra casa com a sua casa limpinha, com as suas coisas em volta do que perder como foi, né? a perda foi grande, aí não tem como voltar atrás... então acho que*

as pessoas tinham que ter um pouquinho mais de bom senso, se prevenir um pouquinho mais... eu acho que faltou um pouco disso também...

***Ricardo**: a questão maior aí também foi a má informação, porque informaram uma enchente de onze metros, e na realidade a enchente era de treze metros e setenta...*

***Lara**: treze e quarenta e cinco...*

***Ricardo**: é, isso... então treze e setenta... a maioria da população ficou "ah, não, porque a minha com onze metros não pega..." então daqui a pouco não dá mais pra tirar... então quer dizer, o que tinha de segurança daí eh::: tem que correr... agora se não tiver informação correta, hoje, com a tecnologia que nós temos, é inadmissível acontecer um caso desses, entendeu? porque até um centímetro hoje, com a tecnologia que nós temos, temos condições de prever... a outra coisa que teve, foi a falta de comunicação, porque ficamos sem telefone... se tivesse rádio comunicador, isso seria importante, entendeu? aí as coisas aqui, que podem melhorar o estudo... como é...*

***Lara**: vou ver se as pessoas que estão desse lado sabem... sugerir... a gente está no estágio de sugerir idéias e soluções... vocês? alguém teria alguma idéia pra sugerir?*

***Emilio**: eu posso sugerir e eu posso ( )...*

***Lara**: sim...*

***Emilio**: eh::: nada se resolve sem planejamento, principalmente essa parte de abrigo... então tem que ser alguma coisa pensada antes... até foi sugerido a idéia do galpão maior que possa servir como centro cultural mesmo... em algumas unidades mais afastadas do rio, seria muito válido, mas com certeza teria que ser previsto primeiro... com certeza... infelizmente, tragédia... nenhum tipo de gerenciamento é feito sem que se destine um orçamento pra isso... então haveria necessidade também de se pensar em alguma coisa assim... tá certo? e algumas coisas que eu gostaria de colocar... as situações mudam, então por exemplo, ele falou de treze metros, "ah, a minha casa enche com treze metros e setenta e sete"... só que o rio já mudou, o córrego já mudou, a correnteza é outra, a velocidade da água conta, o assoreamento do rio conta... então, assim, é muito difícil de fazer um mapeamento disso... faz um mapeamento com um pessoal mais técnico... por exemplo, com um geólogo, que vá falar "ó, na sua casa enche com dez metros... na sua casa tem que sair com nove metros"... "ah, mas a minha casa enche com quinze"... "tudo bem, mas se chegar a nove metros, a sua casa está ilhada, você não sai mais, você perde tudo"... então tudo isso aí tem que ser levado em consideração, mas é muita coisa... e cá entre nós, numa catástrofe, ninguém vai conseguir pensar naquilo... ninguém vai... você tem que ter uns parâmetros mínimos, um aparo standart ali, e seguir... e muita coisa ali vai ser bom senso...*

***Lara**: exatamente... até é importante que isso que você estava falando, eu tenho revisado um material que é puramente teórico, né? eu estou tentando entrar na questão prática que é a questão de um dos nossos objetivos aqui hoje... e eu li muitas vezes exatamente isso, que aconteceu diversas experiências... que primeiro as questões das escalas, você não tem como prever qual/ se de repente a próxima enchente... se em janeiro vai ter uma que vai extrapolar e vai chegar a vinte metros, por exemplo... então de repente a gente se prepara, faz todo um planejamento, forma a equipe... e vamos lá, tem cinco pessoas treinadas e aí acontece um desastre numa ordem de grandeza muito maior e... surpreende todo mundo porque mesmo essa equipe fica insuficiente... e o maior exemplo é justamente o caso do Japão... quer equipe mais treinada que os japoneses que são super eficientes em questão de planejamento, de energia, de histórico, já vivenciaram não sei quantos terremotos, e não foi todo mundo surpreendido de novo esse ano em março? enfim, é ter/ tem que considerar realmente, essa questão da informação, da previsão, ela é bem delicada... é bem difícil de precisar, de ter um número muito redondo e... enfim, essa idéia de por mais que a gente tente cercar, fazer planejamento... é importante, com certeza, se planejar, mas por mais que a gente tente prever, e planejar, vai ter sempre um fator que a gente não considerou e que de repente é inédito, e que aconteceu naquela situação, que nunca aconteceu antes... né, enfim, a gente vai trabalhar pra melhoria, mas cuidado com esse perfeccionismo que muitas vezes pode não existir, né?*

***Emilio**: só lembrar também que a enchente que deu aqui foi no mês de Agosto, que é tipicamente no nosso calendário um mês seco...*

***Ricardo**: o rio estava baixo, o rio estava seco, não tinha água no rio... de repente...*

***Emilio**: foi uma situação totalmente atípica... foi uma espécie de chuva muito específica no Paraná que causou isso daí...*

***Lara**: até em termos de solo, de vegetação, né... há toda uma situação de solo de inverno né, praticamente...*

***Emilio**: sim, a cidade tem que ser resiliente...*

***Lara**: você está acostumado com o contexto úmido de verão... enfim, totalmente... até em termos de solo, aquela coisa que você explicou, o assoreamento de rios... é totalmente diferente...*

***Ricardo**: é, eu acho que o Vale do... até como ele falou ali, com pessoas entendidas no assunto... o ponto fundamental é o desassoreamento do rio... esse material poderia ser utilizado no próprio município, né? são pedras, pra cascalhamento do muncípio... hoje não tem nenhuma cascalheira... nenhuma documentação pra retirar o material, e desassoreamento do rio... eu acho que a calha do rio tá assoreada... se você tirar aquilo ali, o canal do rio vai ficar mais fundo, então eu acho... não sou estudado, isso daí... mas há pessoas que são e podem provar pra nós que pode melhorar a situação... e a outra questão, que até o (Val) que esteve aqui falou... que eh::: na minha cidade, é feito pôlder pra proteger a Volvo, porque não pôlderes pra proteger vida? entendeu? eu acho que tem que praticar esse lado...*

***Lara**: sim, obrigada... alguém mais quer, dizer alguma coisa, dar uma sugestão?*

***Emilio**: fala sobre os estoques, sobre uma triagem prévia, que nem a gente fez?*

***Charton**: em relação ao estoque né, a gente montou um centro de distribuição... onde a gente fazia a triagem, tanto dos alimentos quanto das roupas que chegavam...*

***Lara**: a gente, me desculpa, você pertence a qual grupo?*

***Charton**: grupo social... mas na época, eu estava como voluntário pela defesa civil... então a gente montou esse espaço e a triagem era sempre feita na parte de alimento, na parte de roupas, e no início estava sendo muito escasso a chegada de donativos, e as pessoas não entendiam fora dali... falavam que a gente estava guardando, estocando pra fazer política pra isso... e saíram algumas cestas básicas com arroz, fubá, óleo e água... porque não tinha mais... então pra suprir mesmo a fome da população, a gente liberou essa parte, e a parte de roupa a mesma coisa... roupas íntimas sujas, camisetas em estado péssimo de conservação, algumas empresas mandavam blusas da própria empresa mas rasgadas o logotipo, então ficava aquele buraco... então era feita toda uma triagem pra poder, né... então eu acharia assim que se montasse realmente esse galpão para estar estocando esse tipo de mantimento, porque foi uma área/*

***Lara**: não sei se bate a informação, porque o que eu ouvi lá do outro lado é que esse ponto de estocagem eram nas igrejas... é, desculpa...*

***Cristiane**: numa fazenda que pertence a uma igreja...*

***Charton**: isso, a gente ficou instalado na capela mesmo... inclusive bastante gente, ela mesmo ((apontando para Cristiane)) participou lá da triagem, montagem de cestas, né... porque vem a granel, a gente tinha que estar montando, e as pessoas às vezes achavam "ah, vocês estão tirando e colocando em outro tipo de saquinho porque está vencido", mas chegava lá sacos de 50kg de arroz, feijão, açúcar e a gente fazia, né, essa montagem... então uma sugestão seria um ponto né, pra gente estar estocando e receber esses mantimentos, essas roupas, porque chegou o momento que era tão grande a chegada de*

roupas, de doações de roupas, que ocupou oitenta por cento da capela que a gente estava usando... então a gente teve que tirar as roupas, mandar uma parte aqui pro abrigo, uma parte pro centro comunitário, pra poder trabalhar somente com a parte de alimentos lá... então assim, a construção né, de um galpão para receber este tipo de donativos... enquanto, creio eu que nunca mais vai ter uma tragédia dessas, se não tiver essa tragédia, esse galpão pode ser utilizado para desenvolvimento de projetos né, dentro do município...

Ação 3 (aprender)
6.5 Comentários gerais e análise.

Realização Profª Drª Lara Leite Barbosa
Transcrição efetuada pela aluna Cintia Sayuri Sawada

Ricardo Chimichaque de Siqueira, lavrador
Emilio Ornelas Martins. Divisão de Gerenciamento. CEDEC
Cristiane Marcela de Souza, doméstica

Transcrição dos comentários gerais dos participantes:

***Charton**: nossa, pra mim foi de grande valia, assim, tudo... é como você falou, né? juntou o que eu vivi, com o que ele viver, com o que ele passou, o que ele não passou né... se isso tivesse acontecido antes dessa enchente, eu creio que não ia ser numa proporção dessas, por quê? porque a gente ia avaliar tudo né, o que foi conversado... Deus nos livre, eu creio que/ eu quero que não aconteça uma próxima enchente, mas se caso acontecer, se tudo o que a gente falou, se a gente colocar em prática, eu creio que vai amenizar a dor de muitas pessas aqui, né? eu falo por mim, eu fiquei, entre aspas, desabrigado sim, por quê? porque eu não ficava mais na minha casa, minha casa serviu de abrigo pra uma família, eu ficava mais como voluntário trabalhando e ajudando as pessoas do que na minha própria casa... eu poderia muito bem estar na minha própria casa, mas só que, é uma coisa minha... eu ver o meu irmão, meu amigo, meu companheiro passar (necessidade), e eu, podendo ajudar, ficar em casa dormindo, vendo a água baixar ou a água subir... então, assim, particularmente pra mim, aumentou mais o meu conhecimento com relação a enchente porque eu não havia ainda ouvido algumas pessoas detalhando o que passou, como passou, da forma que passou né... essa semana eu estava conversando com o Leonardo, e a gente lembrando como ele falou que ficou no carro... ele não teve lugar pra ficar, ele ficou no carro, ele ficou na praça... então algumas coisas que se caso aconteçam novamente, a gente tem uma solução mais rápida pra estar sanando a dor dessas famílias e dessas pessoas que passaram por essa tragédia...*

***Lara**: tá bom...*

***Ricardo**: é, eu estive junto com eles, num bairro que é do outro lado do rio... em 1997 já passei por essa experiência com eles... arrancou a ponte, arrancou a infraestrutura de água, a energia ficamos sem... em 1997 ficou, lá do outro lado do rio, dois meses sem água potável pela Sabesp, só por galões... então eu convivi com eles a situação primitiva que eles passaram... (ingargável), dentro da lama, com meio metro de lama... eh::: foi socorrida, veio a ( ) aqui na Santa Casa... teve o exército que nos apoiou em 1997... aí dessa vez eu já estava meio escolado com o problema... eu estava/ eu tinha experiência passada, e consegui fazer o trabalho... liguei pra uns amigos que mandaram os tratores, caminhões e bombas/ trator com bombas com pressão pra lavar as casas por dentro... eh::: as pessoas ficam sem iniciativa, ela chega na casa e não sabe, "o quê que eu vou fazer?", "por onde eu vou começar?", então, a ação de uma pessoa de fora é muito importante... o pessoal de Pariubeba, Cariatim, pegavam as roupas das pessoas, levavam, lavavam e traziam limpas... ((choro))*

***Lara**: eu acho que tem uma questão aqui que é muito importante, de certa forma que você tocou, que o desabrigado na verdade não é aquela pessoa que você fala "ah, eu não sou dessa... eu não estou nessa categoria de desabrigado... como se o desabrigado fosse um morador de rua, né? na verdade o desabrigado, todo mundo da mesma maneira, numa medida de igualdade... a partir do momento que você mora numa cidade que é sujeita a essas enchentes, você de certa forma já está praticamente nessa categoria, né? então, quando a gente começou essa atividade eu percebi, "quem será aqui dentro que de certa forma já vivenciou esse momento de uma maneira mais profunda"? eu acho até que com essa medida de se emocionar, porque aquilo te traz um trauma, te traz uma lembrança, de um sofrimento, de algo ruim que você vivenciou e... é muito diferente alguém que sofreu muito com aquela situação, com aquela pessoa que teve uma oportunidade, né? ou o próprio desalojado, que teve a casa de um parente pra ir, ou teve um outro lugar pra se refugiar, né? então, desde o início eu tentei detectar que você era uma das pessoas que viveram isso, e que é muito importante, que o nosso objetivo era justamente conversar com vocês, né? e você... até infelizmente o outro foi embora, né? como é que chama o outro de camiseta vermelha?*

***Emilio**: Leonardo?*

***Lara**: o Leonardo, isso... eh::: justamente por essa medida, que a intensidade com que vocês viveram isso é o que você mesmo disse, né... que seja numa experiência de 1997, não é algo tão recente, mas isso com certeza grava, marca né vocês de uma maneira diferente...*

***Cristiane**: não tem situação melhor ou pior, tanto você ter ali, estar como solidário... como você precisar da solidariedade de alguém... as duas situações são muito difíceis, porque a gente que quer ajudar, são muitas pessoas pra ajudar, a gente não sabe quem socorrer primeiro... e quem tá esperando socorro também não vê a hora que alguém chegue pra ajudar... então as duas situações são muito complicadas...*

***Ricardo**: eu tive um caso que eu fiquei/ eu fui buscar uma mudança de um pessoal a noite... e quando eram quatro horas da manhã me ligou um rapaz, amigo meu, e falou "minha tia está no bairro dos meninos, ligou pra mim, a água está chegando perto da casa dela e ela não tem como sair mais... não dá pra você ir lá e socorrer?"... eu falei "rapaz, mas na pista já tem água e ( )... mas vamos lá"... eram quatro horas da manhã, a casa era uma casa edícula no meio da pista, eu cheguei lá, a mulher já estava chorando... ela/ eu passei com a água já uns dez centímetros acima da pista... eu joguei as coisas principais em cima do carro e saímos... quando eu voltei a minha caminhonete quase não passou, estava uns oitenta centímetros de água acima da pista já... é muito gratificante, porque as pessoas chegam e abraçam você hoje, e::: como você vê? como a pessoa vai pagar isso pra você? não tem, entendeu? você vai chegar e falar "Ricardo... o quê falar pra você?"... pessoas que eu nunca vi, às vezes, que nem teve o caso aqui no mercado, o rapaz me abraçou... "hum? você não mora no morro?", "não, eu moro na última casa... eu tenho uma mulher grávida, assim, assim, assim... você foi lá, limpou a rua, lavou a rua, limpou a rua... eu moro lá"... "eu não sabia que você morava lá"... então quer dizer, é fazer sem olhar quem... eu acho que se cada cidadão que não pegou enchente e tem condições de ajudar o próximo, eu acho que não teria dificuldade nenhuma pra um município igual ao nosso... muitos têm, e ficam com os caminhões todos parados na beira da estrada sem ajudar ninguém, entendeu... eu acho que precisa ter mais humanidade...*

***Charton**: é uma hora que a gente não tem que olhar se a pessoa é branca, se a pessoa é preta, se a pessoa é amarel, se elaé do lado político A, se ela é do lado político B... é uma hora que a gente tem que nos unir, e ajudar né... a de 1997 eu acompanhei pela televisão, eu não morava aqui... e essa, eu pude sentir na pele o que é passar por uma enchente... e o que mais doeu eh::: no segundo dia, assim, encheu mesmo na terça-feira, e foi quando eu entrei num barco aqui no mercado J Freitas, e o piloto saiu, e uma mãe ligou pra mim da onde ela estava e ela pediu pra eu pegar uma bola pro filho dela, porque o filho não dormia sem aquela bola... e a correnteza era forte, não deu pra gente pegar essa bola... e quando eu estava indo ali, em direção à Santa Casa, Deus falava forte no meu coração... que era permissão Dele, por isso que estava acontecendo... e eu fiquei chorando no barco, e as pessoas que estavam no barco comigo, a gente se emocionou... mas na seqüência Deus falava no meu coração que ia restituir tudo*

aquilo que a água tinha levado, e eu fiquei muito feliz porque depois de tudo isso passado, as casas, a maioria das casas que eu ajudei a socorrer, que tiravam um pouco e deixavam as outras coisas, as casas estão mais bonitas do que quando/ do que antes da enchente... então você vê que Deus realmente abençoou muito esse povo... por um lado foi uma desgraça, mas por outro lado essas pessoas foram abençoadas... e muitas dessas pessoas foram muito abençoadas... como eu falei aqui com o grupo aquela hora, teve pessoas de tiveram nas suas casas, estocadas, treze cestas básicas... então, uma família que passava com uma cesta básica por mês de repente estava com treze... então é gratificante como o Ricardo falou, de passar os dias, de passar a enchente, e as pessoas virem e agradecer, por aquela atitude que você teve... ele ajudou as pessoas, ele estava também passando... a casa chegou perto também da sua casa, né? ((perguntando para Ricardo))... eu estava ajudando e a água nem chegou perto da minha casa, então é gostoso, é gratificante... teve uma situação perto da casa do João ali, que as pessoas deixam pra sair depois, moram num sobrado, e no fundo de uma outra casa a gente viu essas três pessoas só pela janela do banheiro, onde elas gritavam por socorro... e a gente entrou com o barco até o final dessa casa, eu desci com a água até o pescoço, e junto com o sogro dessa senhora a gente tirou ela por cima da água pra ela não se molhar... e hoje você passa na rua, vê as casas bonitas, pintadas, as pessoas com um sorriso no rosto, então não tem dinheiro que pague isso... creio eu que Deus é fiel em todos os sentido, e Ele permanece fiel... eu creio que essas pessoas, elas foram abençoadas, e elas serão abençoadas mais ainda... e se caso aconteça alguma outra nesse sentido, elas vão sair, elas não vão perder nada, e nós estaremos juntos novamente para abençoar da forma que precisar, porque a gente quando nasce com isso... a gente não adquire isso durante a vida, a gente já nasce né... com essa coisa de ajudar o próximo, de querer o próximo bem... e é um mandamento né? "amar-te o teu irmão como a si mesmo"... então se todos nós fizermos a nossa parte, nossa, meu Deus... Eldorado vai mudar, o Brasil vai mudar... mas eu creio que Deus, Ele olhou por esse povo, e ele abençoou esse povo, mesmo diante de uma tragédia dessas... assim, uma coisa minha, que eu penso... e creio que muitas pessoas pensam também, que foram abençoadas... eu fui muito abençoado... por quê eu falo isso? porque eu estava na minha casa, eu estava sem serviço, recebendo o seguro desemprego, estava indo pra quatro meses, e eu estava caindo numa depressão... porque eu sempre fui de trabalhar, e de repente eu me deparei com uma situação que eu não tinha o que fazer... o quê que acontece? veio a enchente... eu saí daquela situação, quase depressão, pra abençoar o povo, e graças a Deus hoje eu estou aqui... então isso é/ não tem dinheiro que pague... foi maravilhoso...

***Lara**: obrigada... estou muito satisfeita com o depoimento de vocês (...)*

7. Considerações finais

A experiência participativa com desabrigados pelas chuvas foi marcada por várias adaptações necessárias para sua realização na data estabelecida. O roteiro preparado e planejado anteriormente previa uma intensa participação de moradores, com a intervenção de membros administrativos em algumas atividades. Devido à dificuldade de selecionar, divulgar e mais ainda, motivar estas pessoas a participarem de uma iniciativa que desconheciam, contamos com um pequeno número de moradores que ficaram abrigados nos edifícios públicos nas últimas enchentes. Por isso optou-se por uma pesquisa qualitativa e aberta, que nos mostrou novas possibilidades de informações sobre a situação das enchentes de Eldorado. Enquanto workshop, ou seja, uma atividade de trabalho em grupo com curta duração, o resultado foi excelente, pois a diversidade de perspectivas para um mesmo problema ampliou a percepção das possíveis soluções para o projeto. É bastante relevante citar que se estimulou a motivação da população a discutir os problemas e soluções dos abrigos, procurando criar um efeito "bola de neve", onde quem participou conte para outras pessoas e instigue futuras colaborações não apenas nas atividades de

pesquisa, mas junto à comunidade em que vivem. Ainda que as enchentes sejam recorrentes, a população não está preparada para as próximas possíveis ocorrências. O workshop foi uma importante contribuição para alertar as pessoas da necessidade de medidas urgentes tanto no âmbito da prevenção, do atendimento emergencial e das medidas de reconstrução.